

O Trabalho Infantil no Brasil

Simon Schwartzman

Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade

Felipe Farah Schwartzman

Grupo de Conjuntura, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sumário

| | |
|------------------------------------------------------------------------|----|
| A evolução do trabalho de crianças e adolescentes..... | 3 |
| Trabalho infantil e renda familiar | 10 |
| Características das famílias..... | 14 |
| Atividades e ocupações de crianças e adolescentes..... | 20 |
| Rendimento..... | 26 |
| A carga de trabalho | 28 |
| As condições de trabalho | 29 |
| Educação..... | 29 |
| As explicações sobre a ausência à escola. | 32 |
| Conclusões | 33 |
| Anexo 1 – O trabalho doméstico feminino infantil. | 35 |
| Anexo 2 – O trabalho de crianças de 5 a 9 anos. | 38 |
| Anexo 3 – Análises de regressão sobre trabalho infantil e estudo. | 41 |
| Referências..... | 44 |

Lista de quadros e gráficos

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------|---|
| Quadro 1 – Evolução do trabalho de crianças e adolescentes no Brasil, 1992-2002 | 4 |
|---------------------------------------------------------------------------------------|---|

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 2 – Atividade econômica e desemprego, 1992-2002..... | 5 |
| Gráfico 1 – Taxas de atividade e desocupação | 6 |
| Gráfico 2 – Idade do primeiro trabalho, pela idade atual | 7 |
| Quadro 3 – Ocupação de crianças e adolescentes, 2002..... | 8 |
| Gráfico 3 – Horas trabalhadas por semana por área de residência e grupos de idade | 9 |
| Quadro 4 – % de jovens ativos economicamente, por decís de renda domiciliar per capita e grupos de idade (5 anos e mais) | 10 |
| Gráfico 4 - % de jovens ativos economicamente, por decís de renda domiciliar per capita e grupos de idade | 11 |
| Quadro 5 – Renda mensal familiar e do trabalho principal por idade (médias) | 12 |
| Gráfico 5 – Contribuição relativa de crianças e adolescentes para a renda familiar, por decís de renda | 13 |
| Quadro 6– Renda mensal de todos os trabalhos por decís de renda familiar | 14 |
| Quadro 7 – Proporção de pessoas de 10 a 17 anos economicamente ativas por grupos de idade, por diversas características dos pais..... | 15 |
| Quadro 8 – Proporção de crianças e adolescentes que trabalham, por ramo de atividade do pai e região | 17 |
| Quadro 9 – Proporção de crianças e adolescentes ocupados, por grupos de ocupação do pai e Região | 17 |
| Quadro 10 – Proporção de crianças e adolescentes que trabalham, por posição na ocupação do pai e Região | 18 |
| Quadro 11 – Proporção de pessoas de 10 a 17 anos economicamente ativas, por quintís de renda, para diversas características dos pais e das mães. | 19 |
| Gráfico 6 - Trabalho de crianças e adolescentes por setor de atividade e grupos de idade..... | 21 |
| Quadro 12 – Posição na ocupação, por área de residência (crianças e adolescentes de 5 a 17 anos)..... | 22 |
| Quadro 13 – Crianças e adolescentes ocupados, por tipo de atividade e gênero (5 a 17 anos)..... | 22 |
| Quadro 14 – Crianças e adolescentes ocupados, por ramos de atividade e raça ou cor | 23 |
| Quadro 15 – Crianças e adolescentes que trabalham: atividades principais, por área de residência..... | 25 |
| Quadro 16 – Trabalho sem rendimento e rendimento médio, por gênero e idade..... | 27 |
| Gráfico 7 – Rendimentos do trabalho e % sem rendimento, por idade | 27 |
| Quadro 17 – Horas trabalhadas por semana, por idade e gênero..... | 28 |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 18 – Características do trabalho de crianças e adolescentes, por grupos de idade | 29 |
| Quadro 19 – Crianças e adolescentes que freqüentam escola, por idade e atividade econômica... | 30 |
| Gráfico 8 – Defasagem escolar por idade e atividade econômica | 31 |
| Quadro 21 – Crianças e adolescentes mulheres em trabalho doméstico | 35 |
| Quadro 22 – Características de crianças e adolescentes mulheres em trabalho doméstico..... | 36 |
| Quadro 23 – Crianças e adolescentes do sexo feminino em serviços domésticos: atividades do pai e da mãe, por área de residência | 37 |
| Quadro 24 – Crianças de 5 a 9 anos economicamente ocupadas, por área de residência e região. | 38 |
| Quadro 25 – Posição na ocupação de crianças de 5 a 9 anos que trabalham..... | 38 |
| Quadro 26 – Crianças de 5 a 9 anos que trabalham, por se freqüentam escola ou creche. | 39 |
| Gráfico 9 – Distribuição das horas de trabalho infantil por idade, crianças de 5 a 9 anos | 39 |
| Quadro 27 – Determinantes do trabalho infantil e da ausência à escola (regressão logit) | 42 |

O Trabalho Infantil em 2002*

Ainda que a legislação brasileira restrinja o trabalho de crianças e adolescentes, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), anualmente realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que é a principal pesquisa sócio-econômica do país, estimava a existência de cerca de 6.263 milhões de crianças e adolescentes entre 10 e 17 anos de idade ocupadas em atividades econômicas ao longo do ano de 2001. Além destas, haviam 280 mil crianças entre 5 e 9 anos de idade também trabalhando de alguma forma.

Diz a introdução da OIT à primeira versão deste trabalho que, de acordo com a legislação existente, "trabalho infantil é aquele exercido por qualquer pessoa abaixo de 16 anos de idade. A legislação brasileira - de acordo com a Emenda Constitucional n. 20 aprovada em 16 de dezembro de 1998 - proíbe o trabalho a crianças e adolescentes menores de 16 anos, permitindo, no entanto, o trabalho a partir dos 14 anos de idade, desde que na condição de aprendiz. Aos adolescentes de 16 a 18 anos está proibida a realização de trabalhos em atividades insalubres, perigosas ou penosas, o trabalho noturno, os trabalhos que envolvam cargas pesadas, jornadas longas, e, ainda, os trabalhos em locais ou serviços que lhes prejudiquem o bom desenvolvimento psíquico, moral e social. É consenso afirmar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90) não só promoveu mudanças de conteúdo, método e gestão no panorama legal e nas políticas públicas que tratam dos direitos da criança e do adolescente, constituindo-se num novo mecanismo de proteção, como também criou um sistema abrangente e capilar de defesa de direitos, inclusive no que se refere ao trabalho."

A exploração do trabalho de crianças e adolescentes é uma prática que precisa ser coibida. No entanto, os números globais apresentados nas estatísticas disponíveis cobrem situações muito distintas, que vão das formas mais abjetas de exploração à participação limitada ou ocasional de

* Este texto é uma revisão e atualização de Simon Schwartzman, *Trabalho infantil no Brasil* (Brasília, 2001).) ambos preparados por solicitação do Escritório da Organização Internacional do Trabalho no Brasil A presente versão se baseia em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2002. Em 2001 o IBGE incluiu um suplemento sobre o trabalho infantil junto à PNAD, que foi objeto de uma publicação especial (IBGE, *Trabalho infantil 2001* (2003). e esta informação também foi utilizada aqui. Uma outra versão deste texto, atualizada com dados da PNAD 2001, foi publicada em Simon Schwartzman, *As causas da pobreza* (Rio de Janeiro, 2004). A responsabilidade pelas análises, conceitos e interpretações são de responsabilidade exclusiva dos autores, e não representam necessariamente os pontos de vista da Organização Internacional do Trabalho ou do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade.

crianças e adolescentes em atividades da família que não são necessariamente prejudiciais; elas cobrem tanto situações em que o trabalho impede que a criança ou adolescente estudem, quanto situações em que ele proporciona uma ocupação para os que, por várias razões, abandonaram a escola, o que pode ser uma situação melhor do que a desocupação pura e simples, sobretudo para os adolescentes. Como veremos mais adiante, o trabalho de crianças e adolescentes não é necessariamente incompatível com o atendimento à escola, ainda que isto ocorra em muitas situações. Os números globais sobre trabalho infantil incluem situações onde adolescentes de 16 e 17 anos estão trabalhando adequadamente (com carteira assinada etc.), além dos aprendizes, que também estariam em uma situação que não demanda ações corretivas. As políticas públicas em relação a este tema precisam tomar em conta estas diferentes situações, algumas requerendo ação imediata, outras requerendo trabalho de longo prazo, sobretudo para favorecer a melhor inserção das crianças e adolescentes no sistema escolar.

Na primeira parte deste texto, apresentamos os dados gerais da evolução do trabalho infantil no Brasil entre 1992 e 2002. Na segunda parte, examinamos os determinantes e condicionantes mais gerais deste trabalho, em função das características dos pais e outras variáveis. Na terceira parte, tratamos de entender melhor em que consiste este trabalho – em que setores ele se dá, as horas trabalhadas, a renda auferida e outras informações. Na quarta parte, examinamos mais em profundidade as relações entre trabalho e estudo. Finalmente, em três anexos, apresentamos em mais detalhe a situação do trabalho de crianças de 5 a 9 anos de idade, a de meninas ocupadas em trabalho doméstico, e um exercício de análise de regressão sobre os condicionantes do trabalho infantil e da ausência à escola.

Todos os dados apresentados neste texto são estimativas produzidas por tabulações feitas pelos autores a partir dos microdados das pesquisas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD - realizada anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Normalmente, a PNAD inclui informações sobre a ocupação de pessoas de 10 anos de idade e, ocasionalmente - em 1992, 1995, e a partir de 2001 - são introduzidas questões sobre a ocupação da população de 5 a 9 anos de idade. A amostra da PNAD consiste em cerca de cem mil domicílios, compreendendo um total de aproximadamente 350 mil pessoas. Esta amostra é representativa de todos os Estados brasileiros e das regiões metropolitanas, mas não inclui as populações rurais dos Estados da Região Norte com exceção do Estado do Tocantins.

Como em toda a pesquisa por amostragem, a precisão das estimativas diminui na medida em que o tamanho da amostra também diminui. O IBGE divulga, junto com a PNAD, tabelas com os coeficientes de variação associados aos diversos tamanhos de estimativas para o Brasil como um todo e para as regiões rurais e urbanas de cada Estado, que permitem conhecer as margens de erro destas estimativas. Além dos erros probabilísticos, de natureza estatística, pesquisas complexas como esta estão sujeitas a erros de preenchimento dos questionários e de processamento de informações, que podem subsistir mesmo após o trabalho cuidadoso de verificação realizado pelo IBGE. Por isto, a boa prática sugere não usar estimativas inferiores a 100 mil, que estão sujeitas a um coeficiente de variação da ordem de 10%. No entanto, optamos por manter no texto estimativas bem menores, porque elas podem estar indicando ocorrências que merecem uma pesquisa mais detalhada, mas com a advertência de que elas não podem ser entendidas literalmente.

A maioria dos dados comentados no texto estão também apresentados na forma de tabelas ou gráficos, e outros estão apresentados em anexo. Em alguns casos, existem referências a dados cujas tabulações não estão apresentadas, por limitações de espaço.

A evolução do trabalho de crianças e adolescentes.

A PNAD investiga diferentes situações de trabalho e não trabalho, distinguindo pessoas economicamente ativas ou não, ocupadas e desocupadas, e diferentes tipos de ocupação e atividade econômica. Pessoas “economicamente ativas” são aquelas que estão ocupadas de alguma forma em atividades de natureza econômica, ou que estão desocupadas mas procurando ativamente trabalho no período de referência da pesquisa (ou seja, os desempregados, ou desocupados). Quem não está ocupado nem procurando trabalho é considerado como fora da população economicamente ativa – pessoas mais velhas, ou mais jovens, estudantes, donas de casa, pessoas que desistiram de procurar emprego (desalentados), etc. O conceito de “ocupação” na PNAD inclui o emprego regular e informal, permanente ou ocasional, e as atividades de produção de alimentos e construção para o próprio consumo, mesmo quando não remuneradas; mas não inclui as tarefas domésticas realizadas na própria família – cozinhar, limpar a casa, lavar a roupa da família, cuidar dos irmãos. Para as pessoas economicamente inativas na semana de referência da pesquisa, a PNAD verifica se elas tiveram alguma atividade econômica durante o ano. Nos anos em que há informação sobre trabalho de crianças de 5 a 9 anos, a única informação disponível é sobre ocupação, já que não faz sentido falar de “desemprego” para esta faixa de idade. A rigor, também não faz sentido falar de desemprego

para crianças de 10 a 13 anos, que são impedidas legalmente de trabalhar, embora que seja importante saber quantas crianças nessa idade alegam estar procurando trabalho, sem encontrar.

Se tomamos a definição mais ampla possível de ocupação, incluindo tanto a ocupação na semana de referência quanto qualquer outro tipo de ocupação ao longo do ano anterior à pesquisa, notamos uma proporção alta de crianças e adolescentes trabalhando, com uma queda acentuada ao longo da década de 90, e uma aparente estagnação nos anos mais recentes. Os números absolutos evoluem de cerca de 8.9 milhões no início da década para 6.3 milhões em 2001-2002, uma queda de 20%, representando cerca de um milhão e setecentas mil crianças e adolescentes que deixaram de trabalhar. (Quadro 1)

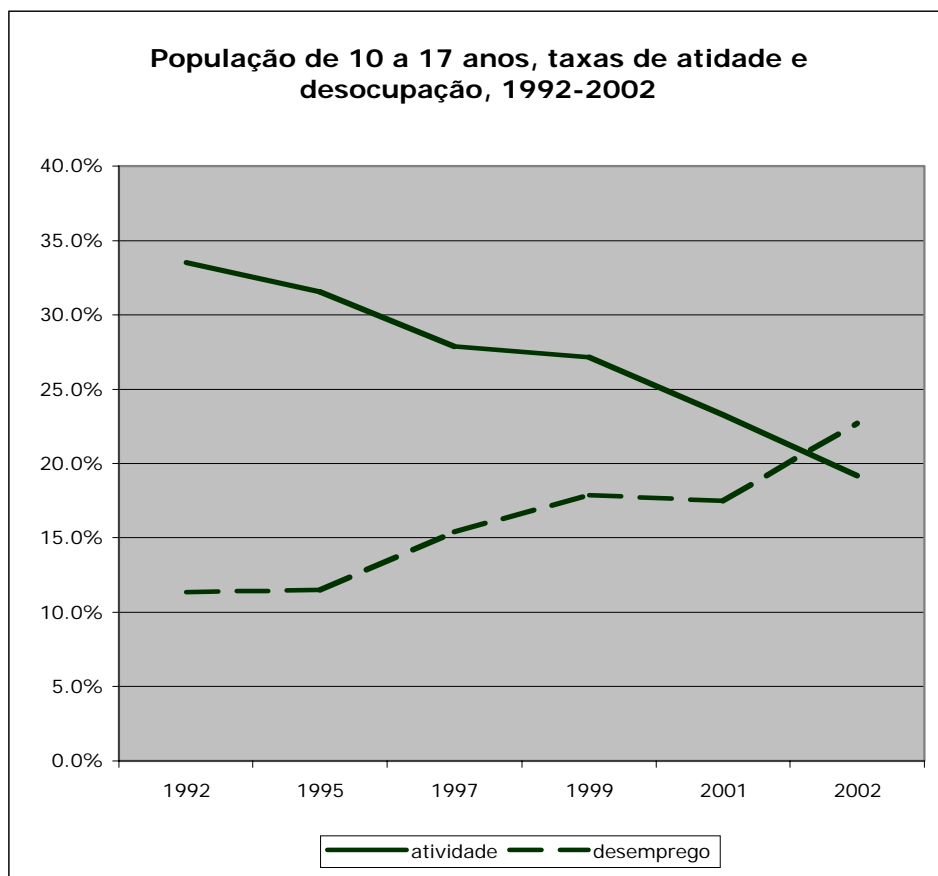
Quadro 1 – Evolução do trabalho de crianças e adolescentes no Brasil, 1992-2002

| Evolução do trabalho infantil no Brasil, 1992-2002 (10 a 17 anos), por tipos de trabalho | | | | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| | totais | | | | | |
| Número de pessoas ocupadas | 1992 | 1995 | 1997 | 1999 | 2001 | 2002 |
| I - Na semana de referência: | | | | | | |
| trabalhou | 7,357,971 | 7,280,105 | 6,147,808 | 5,852,817 | 4,903,964 | 4,910,378 |
| trabalhou em cultivo, pesca ou criação para auto-consumo | 388,788 | 363,742 | 276,594 | 356,593 | 232,507 | 201,693 |
| trabalhou em construção para uso próprio | 31,172 | 29,543 | 22,404 | 19,214 | 31,661 | 15,420 |
| está afastado de trabalho remunerado | 26,602 | 38,048 | 31,604 | 22,895 | 17,678 | 30,836 |
| total na semana | 7,804,533 | 7,711,438 | 6,478,410 | 6,251,519 | 5,185,810 | 5,158,327 |
| II No ano de referência: | | | | | | |
| trabalhou | 1,099,306 | 1,200,547 | 1,111,786 | 1,093,592 | 1,024,568 | 1,077,499 |
| trabalhou para auto-consumo | | | 20,483 | 20,137 | 28,254 | 21,320 |
| trabalhou em construção para uso próprio | 34,332 | 31,038 | 7,620 | 12,165 | 10,906 | 6,211 |
| total no ano | 1,133,638 | 1,231,585 | 1,139,889 | 1,125,894 | 1,063,728 | 1,105,030 |
| total ocupado | 8,938,171 | 8,943,023 | 7,618,299 | 7,377,413 | 6,249,538 | 6,263,357 |
| total na faixa etária (10 a 17 anos) | 26,250,857 | 27,635,240 | 27,447,781 | 28,029,293 | 26,973,298 | 26,929,677 |

Quadro 2 – Atividade econômica e desemprego, 1992-2002

| Atividade econômica e desemprego, população de 10 a 17 anos, 1992-2002 | | | | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------|------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | Atividade | | | | | |
| | 1992 | 1995 | 1997 | 1999 | 2001 | 2002 |
| Gênero | | | | | | |
| Masculino | 42.6% | 39.7% | 35.4% | 34.2% | 29.0% | 29.1% |
| Feminino | 24.4% | 23.1% | 20.3% | 20.0% | 17.5% | 17.8% |
| Cor ou raça | | | | | | |
| indígena | | 69.8% | 57.9% | | 37.7% | 38.5% |
| branca | 31.0% | 28.8% | 25.4% | 24.2% | 21.2% | 21.3% |
| preta | 36.7% | 32.6% | 27.9% | 29.1% | 23.5% | 24.1% |
| oriental | 22.5% | 13.7% | 12.2% | 13.0% | 15.4% | 14.2% |
| parda | 36.0% | 34.5% | 30.6% | 30.1% | 25.5% | 25.8% |
| Região | | | | | | |
| Norte urbano | 27.4% | 27.2% | 24.4% | 24.1% | 18.7% | 20.8% |
| Nordeste | 37.8% | 36.5% | 32.1% | 32.4% | 27.2% | 27.6% |
| Sudeste | 28.4% | 26.0% | 23.6% | 21.7% | 19.5% | 19.3% |
| Sul | 39.4% | 37.6% | 31.8% | 31.4% | 27.0% | 27.2% |
| Centro Oeste | 36.2% | 32.1% | 27.8% | 28.2% | 23.4% | 23.5% |
| Áreas de residência | | | | | | |
| Metropolitana | 20.5% | 19.2% | 18.0% | 17.6% | 15.4% | 15.8% |
| Urbana | 30.3% | 28.6% | 25.4% | 23.4% | 20.8% | 21.0% |
| Rural | 54.8% | 52.8% | 45.3% | 46.4% | 42.6% | 42.5% |
| Total | 33.5% | 31.5% | 27.9% | 27.2% | 23.3% | 19.2% |
| Desemprego | | | | | | |
| | 1992 | 1995 | 1997 | 1999 | 2001 | 2002 |
| Gênero | | | | | | |
| Masculino | 9.9% | 10.1% | 13.1% | 15.1% | 14.9% | 15.7% |
| Feminino | 13.8% | 14.1% | 19.5% | 22.7% | 21.9% | 23.2% |
| Cor ou raça | | | | | | |
| indígena | | | | | | 14.7% |
| branca | 12.1% | 12.2% | 16.7% | 19.5% | 18.6% | 19.2% |
| preta | 12.6% | 14.0% | 23.0% | 21.8% | 24.9% | 30.6% |
| oriental | 6.9% | 0.0% | 13.5% | 23.4% | 9.6% | 18.2% |
| parda | 13.8% | 13.8% | 13.5% | 16.1% | 15.8% | 16.7% |
| Região | | | | | | |
| Norte urbano | 12.7% | 17.3% | 18.1% | 17.1% | 17.8% | 20.7% |
| Nordeste | 7.6% | 6.6% | 8.9% | 9.5% | 10.1% | 11.0% |
| Sudeste | 15.7% | 16.2% | 22.3% | 27.3% | 26.3% | 28.8% |
| Sul | 9.7% | 10.1% | 14.5% | 17.9% | 15.0% | 15.1% |
| Centro Oeste | 12.4% | 14.8% | 16.7% | 21.8% | 21.0% | 17.9% |
| Áreas de residência | | | | | | |
| Metropolitana | 22.6% | 21.2% | 29.8% | 38.3% | 32.5% | 35.5% |
| Urbana | 15.1% | 15.7% | 19.2% | 22.2% | 21.7% | 21.9% |
| Rural | 2.4% | 2.3% | 3.6% | 4.1% | 3.3% | 4.1% |
| Total | 11.3% | 11.5% | 15.4% | 17.9% | 17.5% | 22.7% |

Gráfico 1 – Taxas de atividade e desocupação

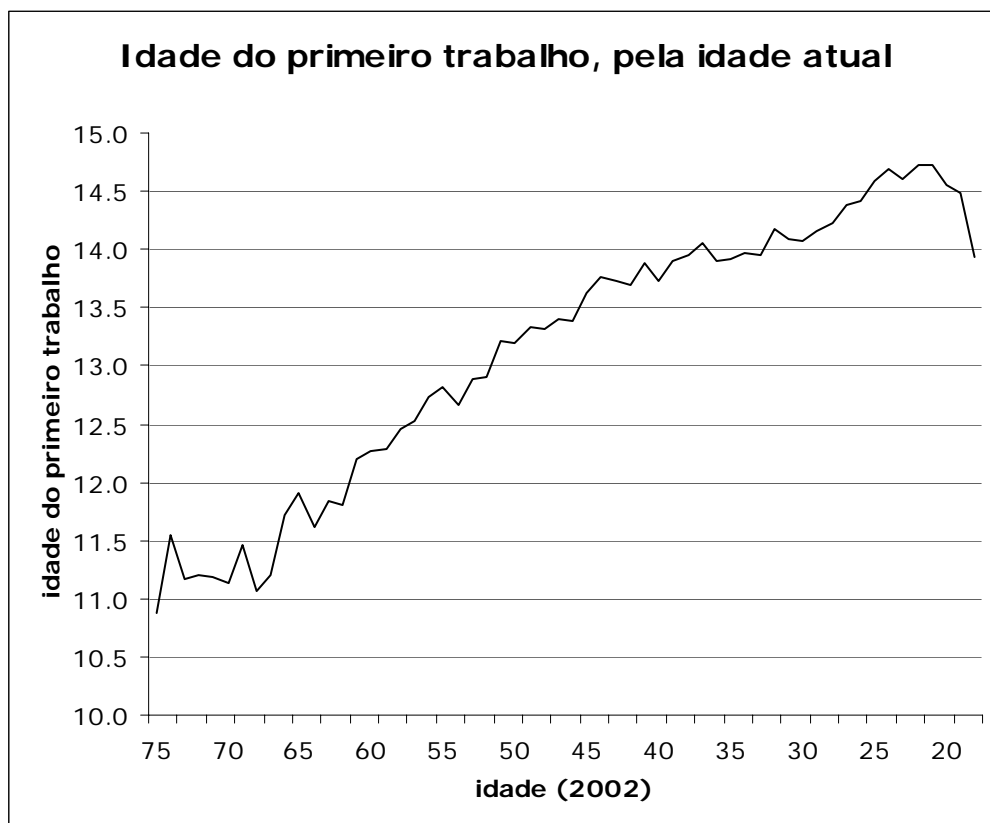


O Quadro 2 e o Gráfico 1, que o acompanha, permitem ver evolução relativa do trabalho infantil na última década. Por um lado, a taxa de atividade, ou seja, a proporção dos que trabalham ou buscam trabalho, vem caindo; por outro, a taxa de desemprego, ou seja, a proporção que busca trabalho entre os economicamente ativos, vem aumentando, sobretudo nas áreas metropolitanas da região Sudeste, e entre a população definida como “preta”. Este dado aponta para um problema de importância crescente, que é a existência de um segmento importante da juventude das grandes cidades que precisa e procura emprego e não o encontra, e que pode estar associado, entre outras coisas, à discriminação racial.

Uma outra maneira de acompanhar esta evolução é pela idade em que as pessoas começam a trabalhar, através das gerações. A PNAD tem esta informação, que está apresentada no Gráfico 2,

com dados de 2002¹. Para as gerações mais velhas, a idade do primeiro trabalho era entre 11 e 12 anos. Depois, a idade inicial aumenta sistematicamente, até chegar próximo dos 15 anos para os que têm hoje entre 20 e 25 anos de idade. Para os mais jovens ainda, a média volta a descer, mas isto reflete o fato de que muitos jovens ainda não entraram no mercado de trabalho.

Gráfico 2 – Idade do primeiro trabalho, pela idade atual



As principais características do trabalho de crianças e adolescentes em 2002 estão reunidas no Quadro 3. O trabalho está concentrado na faixa entre 15 e 17 anos de idade, ocorre mais entre homens do que entre mulheres, e mais, proporcionalmente, entre indígenas e pessoas de cor preta ou parda do que brancas². Proporcionalmente, ocorre sobretudo em áreas rurais e menos nas grandes regiões metropolitanas, e está mais presente nas regiões Nordeste e Sul do que nas demais regiões do país. Em números absolutos, predomina nas áreas urbanas não metropolitanas, entre a população branca e parda, e nas regiões Sudeste e Nordeste. Nos últimos anos tem havido uma redução muito

¹ O dado vem das respostas à pergunta sobre a idade em que começou a trabalhar.

² As pesquisas do IBGE incluem uma questão sobre a raça ou cor das pessoas, que podem se classificar como brancas, pardas, pretas, indígenas e “amarelas”, ou orientais.

significativa do trabalho de crianças e adolescentes nas regiões Sul e Centro Oeste, e a maior concentração hoje, proporcionalmente, é na região Nordeste.

A taxa de desemprego, ou desocupação - a percentagem de pessoas procurando trabalho ativamente, mas sem encontrar - sobe sistematicamente com a idade, chegando a mais de 22% entre os de 17 anos, e acima de 28% no Sudeste. Por comparação, a taxa de desocupação dada pela PNAD de 2002 para toda a população economicamente ativa do país era de 9,2%, e para a região Sudeste, 10.8%. Para este grupo de crianças e adolescentes desocupados, o problema não é o trabalho, que na realidade não existe, e sim sua necessidade.

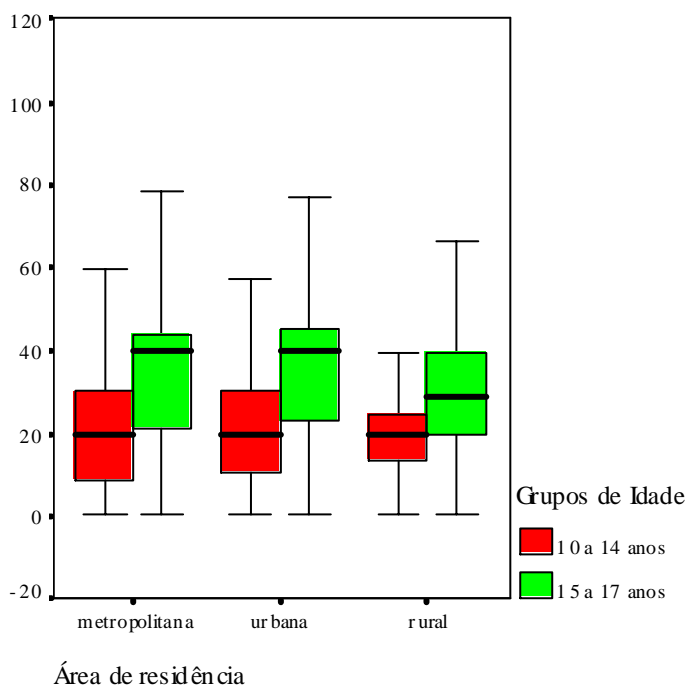
Quadro 3 – Ocupação de crianças e adolescentes, 2002

| Ocupação de crianças e adolescentes, 2002 (*) | | | | | | |
|------------------------------------------------------|------------------|---------------------|-------------------|-------------------|--------------|--------------------|
| | Ocupados | Procurando trabalho | Não trabalham | População total | % ativos | taxa de desemprego |
| Idade | | | | | | |
| 5 anos | 14,776 | | 3,174,893 | 3,189,669 | 0.5% | |
| 6 anos | 28,595 | | 3,282,736 | 3,311,331 | 0.9% | |
| 7 anos | 55,373 | | 3,305,595 | 3,360,968 | 1.6% | |
| 8 anos | 83,790 | | 3,191,843 | 3,275,633 | 2.6% | |
| 9 anos | 132,331 | | 3,073,233 | 3,205,564 | 4.1% | |
| 10 anos | 169,073 | 7,440 | 3,030,209 | 3,206,722 | 5.5% | 4.2% |
| 11 anos | 248,490 | 13,576 | 2,905,109 | 3,167,175 | 8.3% | 5.2% |
| 12 anos | 343,276 | 28,013 | 2,957,293 | 3,328,582 | 11.2% | 7.5% |
| 13 anos | 477,594 | 58,358 | 2,826,619 | 3,362,571 | 15.9% | 10.9% |
| 14 anos | 628,194 | 124,494 | 2,754,496 | 3,507,184 | 21.5% | 16.5% |
| 15 anos | 841,439 | 213,218 | 2,364,279 | 3,418,936 | 30.8% | 20.2% |
| 16 anos | 1,115,627 | 347,828 | 2,072,587 | 3,536,042 | 41.4% | 23.8% |
| 17 anos | 1,334,634 | 379,873 | 1,687,958 | 3,402,465 | 50.4% | 22.2% |
| Total | 5,473,192 | 1,172,800 | 36,626,850 | 43,272,842 | | |
| Gênero | | | | | | |
| Masculino | 3,329,630 | 620,572 | 9,609,518 | 13,559,720 | 29.1% | 15.7% |
| Feminino | 1,828,697 | 552,228 | 10,989,032 | 13,369,957 | 17.8% | 23.2% |
| Cor ou raça | | | | | | |
| indígena | 14,640 | 2,516 | 27,351 | 44,507 | 38.5% | 14.7% |
| branca | 2,255,861 | 535,836 | 10,302,053 | 13,093,750 | 21.3% | 19.2% |
| preta | 227,153 | 100,112 | 1,029,203 | 1,356,468 | 24.1% | 30.6% |
| oriental | 9,052 | 2,011 | 66,895 | 77,958 | 14.2% | 18.2% |
| parda | 2,649,817 | 532,325 | 9,171,740 | 12,353,882 | 25.8% | 16.7% |
| Região | | | | | | |
| Norte urbano | 298,435 | 77,945 | 1,432,254 | 1,808,634 | 20.8% | 20.7% |
| Nordeste | 2,137,122 | 262,852 | 6,296,790 | 8,696,764 | 27.6% | 11.0% |
| Sudeste | 1,466,700 | 594,072 | 8,602,324 | 10,663,096 | 19.3% | 28.8% |
| Sul | 885,029 | 157,014 | 2,794,729 | 3,836,772 | 27.2% | 15.1% |
| Centro Oeste | 371,041 | 80,917 | 1,472,453 | 1,924,411 | 23.5% | 17.9% |
| Áreas de residência | | | | | | |
| Metropolitana | 755,375 | 414,996 | 6,240,569 | 7,410,940 | 15.8% | 35.5% |
| Urbana | 2,396,942 | 672,785 | 11,523,670 | 14,593,397 | 21.0% | 21.9% |
| Rural | 2,006,010 | 85,019 | 2,834,311 | 4,925,340 | 42.5% | 4.1% |
| Total | 5,158,327 | 1,172,800 | 20,598,550 | 26,929,677 | 19.2% | 22.7% |

(*) Os dados de gênero, cor ou raça, região e áreas de residência são para a população entre 10 e 17 anos de idade

O Gráfico 3 mostra a mediana do tempo de dedicado ao trabalho por crianças em dois grupos de idade, e por área de residência³. Para os mais jovens, entre 10 e 14 anos, a mediana é de 20 horas, com maior variação para cima nas zonas urbanas e metropolitanas; para o grupo de 15 a 17 anos, a mediana é de 40 horas para as zonas urbanas e metropolitanas, e cerca de 30 para a zona rural; existem alguns casos de pessoas que relatam trabalhar mais de 80 horas por semana, o que significaria uma jornada diária de 16 horas, ou 11 a 12 horas por dia sem interrupção de domingos e feriados; estes casos ocorrem no trabalho de comércio e em serviço doméstico. A maior assimetria da distribuição de horas trabalhadas para os grupo de idade mais alta e as áreas de residência urbanas indica que estes grupos incluem situações mais heterogêneas.

Gráfico 3 – Horas trabalhadas por semana por área de residência e grupos de idade



³ Neste tipo de gráfico, a área colorida corresponde aos 25% acima e abaixo da mediana, e as linhas verticais, acima e abaixo, os 25% superiores e inferiores, respectivamente, com suas amplitudes de variação. Para a construção desses gráficos foram excluídos os *outliers*, definidos como aqueles casos que se situam a uma distância das beiradas da caixa superior a uma vez e meia o comprimento da caixa.

Trabalho infantil e renda familiar

A relação entre trabalho de crianças e adolescentes e renda da família é clara. Para ver esta relação, utilizamos a renda domiciliar per capita dos domicílios que têm pessoas entre 5 e 17 anos de idade (a soma da renda de todos os moradores de 10 anos e mais, dividida pelo número de moradores), e agrupamos a população em cinco grupos, de maior a menor renda; este cálculo exclui os domicílios aonde nenhuma renda é reportada.

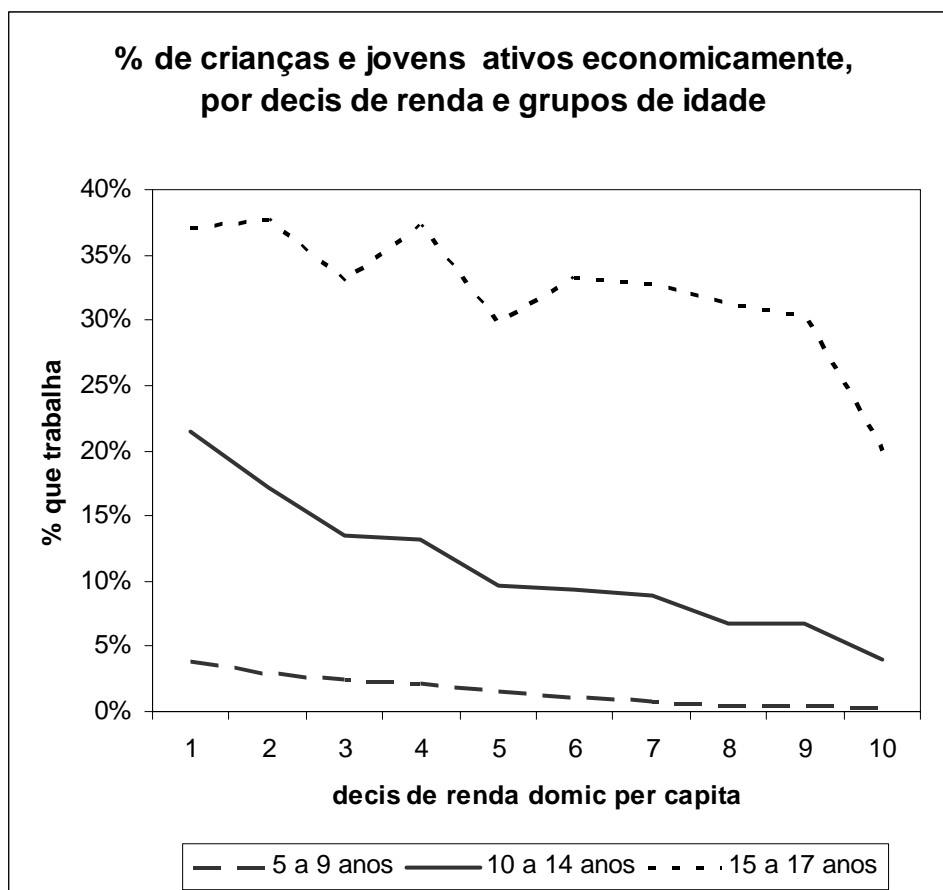
Cerca de um terço dos adolescentes entre 15 e 17 anos são economicamente ativos, ou seja, ou estão trabalhando, ou estão procurando trabalho, em uma proporção que varia de 37.5% para o grupo mais pobre a 19.9% para os de renda mais alta. Chama atenção o fato de que a proporção de jovens economicamente ativos só cai de forma mais significativa para o decil de renda mais alto. Para o grupo de 10 a 14 anos, as percentagens são mais baixas, e concentradas nos quatro níveis de renda mais pobres. O trabalho de crianças entre 5 e 9 anos de idade, ainda que reduzido, é mais acentuado nos grupos de renda familiar mais baixos (Quadro 4 e Gráfico 4).

Quadro 4 – % de jovens ativos economicamente, por decís de renda domiciliar per capita e grupos de idade (5 anos e mais)

Percentagem de crianças que trabalham, por grupos de idade e decís de renda familiar

| decís de renda | 5 a 9 anos | 10 a 14 anos | 15 a 17 anos |
|-----------------------|-----------------------|-------------------------|-------------------------|
| 1 | 3.8% | 21.5% | 37.1% |
| 2 | 2.9% | 17.1% | 37.7% |
| 3 | 2.5% | 13.5% | 33.0% |
| 4 | 2.2% | 13.2% | 37.2% |
| 5 | 1.5% | 9.7% | 29.7% |
| 6 | 1.0% | 9.3% | 33.2% |
| 7 | 0.8% | 8.9% | 32.8% |
| 8 | 0.5% | 6.8% | 31.3% |
| 9 | 0.4% | 6.7% | 30.3% |
| 10 | 0.3% | 4.0% | 19.9% |

Gráfico 4 - % de jovens ativos economicamente, por decis de renda domiciliar per capita e grupos de idade



Isto não significa necessariamente, como muitas vezes se pensa, que a principal explicação para trabalho de crianças e adolescentes seja a necessidade de complementar a renda da família, embora isto possa ocorrer em muitos casos. Essa afirmação se justifica pelo fato de que o trabalho infantil em muitos casos parece pouco contribuir para a renda familiar e que outras características do ambiente familiar podem ter influência tão grande ou maior do que o nível de renda na decisão da criança de trabalhar. O primeiro fato será discutido a seguir, e o segundo na seção subsequente.

Primeiramente, o trabalho dos mais jovens dificilmente poderia representar um suplemento importante para a renda familiar. A contribuição da criança é muito pequena para os menores de 10 anos de idade, abaixo de 5% da renda familiar, só se tornando mais significativa para os de 16 e 17 anos – cerca de 15% (Quadro 5).

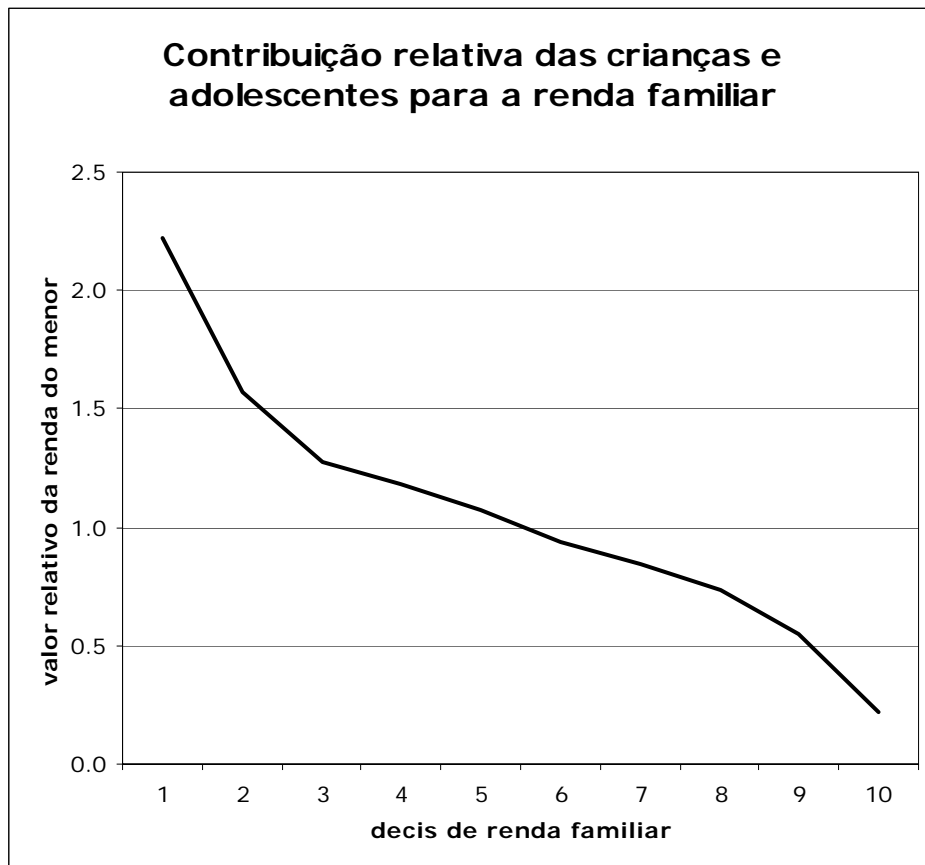
Quadro 5 – Renda mensal familiar e do trabalho principal por idade (médias)

| Renda mensal familiar e do trabalho principal por idade (médias) | | | | | |
|-------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|--------------------------------|---------------------|-------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| | renda mensal de todos os trabalhos da criança ou adolescente | renda mensal domiciliar | contribuição | número de pessoas na família | número de crianças e adolescentes com rendimentos |
| 10 anos | 53.93 | 975.46 | 5.53% | 4.87 | 21,632 |
| 11 anos | 49.56 | 1,009.60 | 4.91% | 4.85 | 43,783 |
| 12 anos | 76.65 | 1,046.10 | 7.33% | 4.91 | 78,220 |
| 13 anos | 82.50 | 1,049.06 | 7.86% | 4.86 | 163,225 |
| 14 anos | 94.74 | 1,048.42 | 9.04% | 4.85 | 263,404 |
| 15 anos | 127.38 | 1,120.21 | 11.37% | 4.79 | 458,618 |
| 16 anos | 157.48 | 1,157.71 | 13.60% | 4.65 | 755,599 |
| 17 anos | 183.96 | 1,155.07 | 15.93% | 4.56 | 988,823 |
| Total | 146.78 | 1,009.22 | 14.54% | 4.76 | 2,773,304 |

Nota: inclui somente os que têm renda mensal diferente de zero. O salário mínimo em Setembro de 2002 era de 200 reais.

Por outro lado, nas famílias de menor rendimento, a contribuição da criança ou adolescente para a renda familiar pode ser substancial, chegando a um terço dos rendimentos para o decil mais pobre, e só ficando abaixo dos 10% para o decil mais rico. Comparando a renda da criança ou adolescente com a renda familiar per capita, é possível observar que, na metade mais pobre da população, o valor da renda da criança ou adolescente é maior do que a parte que lhe caberia em uma divisão igualitária da renda da família, chegando ao dobro para o decil inferior; mas não passando de 0.2, ou 20%, para o decil de renda mais alto (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Contribuição relativa de crianças e adolescentes para a renda familiar, por decis de renda



Este dado pode ser interpretado como significando que, nos dois decis mais baixos de renda, o rendimento de crianças e adolescentes representa uma contribuição importante para a renda familiar: entre o terceiro e o sétimo decil, a renda do trabalho infantil corresponde mais ou menos à sua cota, ou seja, ele ganha para cobrir as próprias despesas; e, nos três decis maiores, e sobretudo no mais alto, a criança ou adolescente depende da família. Além de coletar os dados de rendimento, na PNAD de 2001, o IBGE perguntou as razões pelas quais crianças e adolescentes trabalham: 76% responderam que era porque queriam, e os demais disseram que eram os pais e responsáveis que queriam. No grupo menor, entre 5 e 9 anos, 44% disseram trabalhar porque os pais queriam; no grupo mais velho, de 15 a 17 anos, só 16%. Em termos de renda, no quintil inferior de renda familiar, 33.2% disseram que era por decisão dos pais; no quintil de renda mais rico, somente 14.8%. O IBGE também perguntou o que as crianças e adolescentes faziam com o dinheiro que ganhavam: 54% ficavam com tudo, 8% entregavam tudo aos pais, e 43.7% entregavam parte do dinheiro. Entre os mais jovens, de 5 a 9 anos, o dinheiro de 42.6% não era entregue aos pais; entre os mais velhos, 56%. Em termos de renda, mesmo entre os mais pobres, a metade ficava com todo o dinheiro para si; entre

os de renda mais alta, 64%. Estes dados confirmam que, embora a renda da criança ou adolescente possa ter alguma importância da família, é muito frequente a situação em que ela fica com a pessoa que trabalha, sobretudo nos grupos mais velhos, cuja renda é mais significativa. Isto ainda não significa que estas crianças não sejam forçadas a trabalhar por uma situação de pobreza, já que idealmente os pais poderiam sustentar seus filhos de forma a que eles possam dedicar seu tempo a outras atividades que não o trabalho. A dissociação relativa entre pobreza e trabalho infantil se torna mais clara quando o ambiente familiar for tomado em consideração, objeto da próxima seção.

Quadro 6– Renda mensal de todos os trabalhos por decis de renda familiar

| Renda mensal de todos os trabalhos por decis de renda familiar | | | | | | | |
|-----------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|----------|-------|---------------------------|----------------------------------------------|---------------------------------|--------------------|
| decis de renda | I - renda de todos os trabalhos da criança ou adolescente | | | III - contribuição | IV - Número de componentes da família | V - Renda dom per capita | relação V/I |
| | II - renda domiciliar | | | | | | |
| 1 | 52.94 | 146.63 | 36.1% | 6.2 | 23.84 | 2.2 | |
| 2 | 71.65 | 260.45 | 27.5% | 5.7 | 45.53 | 1.6 | |
| 3 | 83.67 | 347.04 | 24.1% | 5.3 | 65.48 | 1.3 | |
| 4 | 101.87 | 452.44 | 22.5% | 5.2 | 86.34 | 1.2 | |
| 5 | 119.78 | 520.76 | 23.0% | 4.7 | 111.75 | 1.1 | |
| 6 | 136.84 | 656.40 | 20.8% | 4.5 | 146.19 | 0.9 | |
| 7 | 161.40 | 817.64 | 19.7% | 4.3 | 191.04 | 0.8 | |
| 8 | 190.41 | 1,067.75 | 17.8% | 4.1 | 260.43 | 0.7 | |
| 9 | 218.92 | 1,569.42 | 13.9% | 3.9 | 399.34 | 0.5 | |
| 10 | 235.75 | 4,135.17 | 5.7% | 3.8 | 1079.68 | 0.2 | |
| Total | 147.13 | 1,008.39 | 14.6% | 4.8 | 211.85 | 0.7 | |

Nota: inclui somente os que têm renda mensal diferente de zero. O salário mínimo em Setembro de 2002 era de 200 reais.

Fonte: PNAD 2002, tabulação especial

Características das famílias

Além da renda familiar, o trabalho de crianças e adolescentes depende de variáveis como as características da família, o tipo de atividade, a ocupação e a posição na ocupação dos pais, e aonde eles vivem. O Quadro 7 permite ver o efeito de uma série destas características sobre o trabalho de crianças e adolescentes nos dois grupos de idade principais. Em alguns casos, apresentamos os dados do pai e da mãe; em outros, como na educação e na “cor ou raça”, apresentamos somente o dado da mãe. Uma razão para isto é que cerca de 25% das crianças e jovens vivem sem o pai, mas menos de 3% vivem sem a mãe. Além disto, é sabido que as mães têm uma influencia mais direta no comportamento e nas decisões dos filhos, sobretudo em relação à educação.⁴

⁴ Por outro lado, como a proporção de mães economicamente ativas é menor, os quadros de ocupação foram feitos com os dados do pai.

Quadro 7 – Proporção de pessoas de 10 a 17 anos economicamente ativas por grupos de idade, por diversas características dos pais.

| Proporção de pessoas de 10 a 17 anos economicamente ativas, por grupo de idade, para diversas características dos pais e das mães (%) | | | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|--------------|-------|---------------|
| | Grupos de Idade | | | % de famílias |
| | 10 a 14 anos | 15 a 17 anos | Total | |
| Tipo de família | | | | |
| Casal | 13.2 | 40.8 | 14.2 | 74.7 |
| só mãe | 10.3 | 40.3 | 14.4 | 18.6 |
| outras situações | 12.8 | 42.9 | 20.6 | 6.7 |
| Condição de atividade na semana da mãe | | | | |
| Economicamente ativa | 16.0 | 45.4 | 27.1 | 61.6 |
| Não economicamente ativa | 6.9 | 33.1 | 17.1 | 36.3 |
| Sem mãe | 12.2 | 45.0 | 27.5 | 2.2 |
| Condição de atividade na semana do pai | | | | |
| Economicamente ativa | 13.7 | 41.9 | 24.2 | 73.9 |
| Não economicamente ativa | 6.8 | 30.6 | 17.1 | 7.0 |
| Sem pai | 10.5 | 41.1 | 23.2 | 19.1 |
| Grupo de ocupação no trab. principal da mãe | | | | |
| Dirigentes em geral | 9.1 | 33.2 | 18.4 | 2.3 |
| Profissionais das ciências e das artes | 4.2 | 20.4 | 10.2 | 3.6 |
| Técnicos de nível médio | 6.0 | 29.8 | 15.1 | 4.1 |
| Serviços administrativos | 5.2 | 27.2 | 13.2 | 3.2 |
| Serviços, outros | 10.1 | 42.7 | 22.5 | 24.1 |
| Vendedores e prestadores de serviço do comércio | 15.9 | 44.0 | 26.8 | 5.6 |
| Ocupações Agrícolas | 39.6 | 66.6 | 49.5 | 14.0 |
| Produção de bens e serviços e da reparação e manutenção | 13.8 | 48.6 | 27.7 | 5.8 |
| Sem mãe | | | | 37.3 |
| Grupo de ocupação no trab. principal do pai | | | | |
| Dirigentes em geral | 7.9 | 31.7 | 17.3 | 5.1 |
| Profissionais das ciências e das artes | 3.4 | 16.4 | 8.4 | 2.5 |
| Técnicos de nível médio | 4.9 | 29.6 | 14.1 | 3.9 |
| Serviços administrativos | 3.5 | 27.5 | 12.1 | 2.4 |
| Serviços, outros | 8.7 | 37.4 | 19.4 | 8.0 |
| Vendedores e prestadores de serviço do comércio | 12.5 | 41.1 | 23.3 | 5.1 |
| Ocupações Agrícolas | 31.5 | 59.0 | 41.7 | 19.1 |
| Produção de bens e serviços e da reparação e manutenção | 7.9 | 39.4 | 19.5 | 27.5 |
| sem pai | | | | 25.4 |
| Quintis da Renda Familiar Média (*) | | | | |
| I - 36.12 | 21.6 | 48.4 | 29.8 | 17.2 |
| II - 79.40 | 13.8 | 41.8 | 23.9 | 18.3 |
| III - 133.31 | 11.7 | 43.0 | 23.9 | 19.9 |
| IV - 228.45 | 9.2 | 42.8 | 23.1 | 21.2 |
| V - 751.00 | 6.2 | 31.8 | 17.3 | 21.0 |
| Sem informação | | | | 2.4 |
| Educação da mãe | | | | |
| menos de 1 ano | 19.7 | 49.9 | 31.8 | 17.2 |
| menos de 4 anos | 18.6 | 47.9 | 29.8 | 17.1 |
| primeiro ciclo | 12.6 | 42.7 | 24.0 | 31.1 |
| fundamental (8 anos) | 7.3 | 37.2 | 18.7 | 12.1 |
| médio | 5.2 | 27.5 | 13.5 | 14.7 |
| superior | 5.2 | 18.2 | 10.2 | 5.2 |
| Sem informação / sem mãe | | | | 2.6 |
| Raça ou cor declarada da mãe | | | | |
| Indígena | 21.2 | 53.9 | 32.0 | 0.2 |
| Branca | 10.7 | 39.5 | 21.8 | 47.6 |
| Preta | 11.3 | 42.1 | 23.1 | 6.0 |
| Oriental | 9.6 | 23.7 | 15.3 | 0.4 |
| Parda | 15.0 | 42.0 | 25.3 | 43.4 |
| Sem informação / sem mãe | | | | 2.6 |

O tipo de família, por si mesmo, não tem impacto significativo do trabalho dos filhos – viver com os dois pais ou só com a mãe não parece alterar o trabalho infantil de forma mais significativa. As atividades econômicas do pai e da mãe, por outro lado, têm um efeito bem definido: uma variação acima de 10 pontos percentuais nos dois casos, mas no sentido inverso ao que se poderia esperar. Quando o pai, e sobretudo a mãe, trabalham, existe maior tendência para que os filhos também trabalhem. Isto pode ser interpretado como significando que o trabalho infantil é antes uma atividade complementar ao trabalho dos pais do que uma compensação pela ausência de trabalho destes.

As diferenças mais importantes ocorrem em função da natureza da ocupação dos pais, e sobretudo da ocupação das mães⁵. Quando as mães se dedicam ao trabalho agrícola, 66% dos filhos entre 15 e 17 anos também o fazem. O segundo grande grupo é o das ocupações de produção de bens e serviços e reparação e manutenção, 48,5%; e também o de vendedores e prestadores de serviço do comércio, acima de 40%. É na região Sul que a atividade agrícola dos pais determina mais fortemente a atividade dos filhos, apesar de que a renda familiar média dos pais do setor agrícola é o dobro da região Sul em comparação com a região do Nordeste (714,34 vs 246,83 reais). Este dado confirma a idéia de que o trabalho de crianças e adolescentes nas áreas agrícolas do Sul está associado a uma tradição específica de trabalho familiar, com raízes prováveis na cultura de imigrantes de origem italiana, alemã e japonesa, entre outros, e não a necessidades econômicas prementes ou condições de exploração extremas.

⁵ Na PNAD, o trabalho é caracterizado pelo tipo de atividade, ocupação e posição da pessoa na ocupação. “Atividade” se refere à finalidade ou ramo de negócio do estabelecimento em que a pessoa trabalha. A “ocupação” é o cargo, função, profissão ou ofício exercido pela pessoa. Quando a pessoa trabalha por conta própria, a atividade é definida pela ocupação. A “posição na ocupação” é o tipo de vínculo ou relação contratual que a pessoa tem com o empregador.

Quadro 8 – Proporção de crianças e adolescentes que trabalham, por ramo de atividade do pai e região

| Proporção de crianças e adolescentes economicamente ativos, por atividade do pai e região (*) | | | | | | | | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|----------|---------|-------|--------|-------|------------|-------------------------------|
| Ramo de atividade | Renda domiciliar per capita | Renda domiciliar per capita | | | | Centro | | Total | Total de pessoas na atividade |
| | | Norte | Nordeste | Sudeste | Sul | Oeste | Total | | |
| Agrícola | 109.23 | 20.4% | 29.1% | 22.0% | 35.9% | 23.5% | 28.0% | 8,117,161 | |
| Indústria | 313.20 | 13.1% | 13.8% | 8.0% | 10.5% | 12.7% | 10.7% | 443,425 | |
| Indústria de transformação | 302.24 | 10.7% | 11.8% | 10.3% | 12.5% | 13.8% | 11.2% | 4,425,506 | |
| Construção | 184.53 | 12.7% | 12.5% | 12.4% | 14.9% | 13.8% | 13.0% | 4,566,724 | |
| Comércio e reparação | 304.24 | 13.0% | 14.1% | 10.8% | 14.0% | 14.0% | 12.6% | 5,029,738 | |
| Alojamento e alimentação | 245.49 | 15.7% | 17.6% | 15.9% | 18.7% | 19.2% | 16.9% | 842,234 | |
| Transporte, armazenagem e comunicação | 288.13 | 6.7% | 9.5% | 9.5% | 12.4% | 11.6% | 9.9% | 2,433,076 | |
| Administração pública | 397.48 | 7.5% | 7.3% | 7.8% | 9.0% | 9.3% | 8.0% | 1,837,267 | |
| Educação, saúde e serviços sociais | 590.11 | 10.1% | 7.9% | 7.1% | 10.1% | 5.7% | 7.9% | 831,246 | |
| Serviços domésticos | 133.05 | 13.5% | 13.1% | 16.3% | 10.7% | 9.6% | 14.0% | 272,576 | |
| Outros serviços coletivos, sociais e pessoais | 287.54 | 9.3% | 8.7% | 9.7% | 13.0% | 10.1% | 9.9% | 736,970 | |
| Outras atividades | 473.74 | 8.8% | 7.6% | 7.5% | 9.7% | 6.2% | 7.8% | 1,910,738 | |
| Atividades mal definidas ou não declaradas | 109.37 | 16.5% | 15.5% | 10.4% | 14.2% | 0.0% | 13.5% | 107,271 | |
| Total (*) | 254.39 | 12.7% | 18.0% | 11.9% | 18.4% | 14.6% | 15.6% | 31,553,932 | |

(*) Ocupados e procurando trabalho, entre 10 e 17 anos de idade, filhos de pais economicamente ativos.

A análise do efeito dos grupos de ocupação do pai mostra resultados similares, entre outras coisas porque “atividade” e “ocupação” se sobrepõem em grande parte. Além da atividade agrícola, mas em proporção menor, aparece o trabalho de crianças e adolescentes quando os pais trabalham no comércio, ou quando são “dirigentes em geral”, o que pode estar significando a chefia de um pequeno empreendimento familiar.

Quadro 9 – Proporção de crianças e adolescentes ocupados, por grupos de ocupação do pai e Região

| Proporção de crianças e adolescentes ocupados, pelos grupos de ocupação dos pais e Região (*) | | | | | | | | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|----------|---------|-------|--------|-------|------------|---------------------------|
| | Renda domiciliar per capita | Renda domiciliar per capita | | | | Centro | | Total | Total de pessoas no grupo |
| | | Norte | Nordeste | Sudeste | Sul | Oeste | Total | | |
| Dirigentes em geral | 757.67 | 10.0% | 10.0% | 10.8% | 14.3% | 13.0% | 11.4% | 2,117,602 | |
| Profissionais das ciências e das artes | 948.18 | 5.2% | 5.5% | 4.6% | 6.1% | 9.6% | 5.4% | 1,041,718 | |
| Técnicos de nível médio | 422.24 | 10.1% | 8.2% | 7.5% | 13.3% | 7.7% | 8.8% | 1,667,961 | |
| Serviços administrativos | 332.31 | 7.7% | 7.0% | 7.0% | 7.8% | 8.3% | 7.3% | 1,051,684 | |
| Serviços outros | 179.17 | 12.0% | 11.5% | 11.4% | 12.6% | 12.7% | 11.7% | 3,454,952 | |
| Vendedores e prestadores de serviço do comércio | 230.46 | 13.7% | 18.1% | 12.4% | 14.8% | 14.5% | 14.9% | 2,171,138 | |
| Ocupações agrícolas | 107.64 | 20.4% | 29.6% | 22.3% | 36.0% | 23.4% | 28.3% | 7,996,523 | |
| Produção de bens e serviços e da reparação e manutenção | 195.32 | 11.4% | 11.3% | 11.3% | 13.7% | 13.4% | 11.9% | 11,641,029 | |
| Ocupações mal definidas ou não declaradas | 429.12 | 13.3% | 3.1% | 3.4% | 5.0% | 5.9% | 3.8% | 400,604 | |
| Total | 254.39 | 12.8% | 18.4% | 12.4% | 17.7% | 14.8% | 15.3% | 31,543,211 | |

(*) Ocupados e procurando trabalho, entre 10 e 17 anos de idade, filhos de pais economicamente ativos.

A posição na ocupação do pai mostra outros determinantes do trabalho de crianças e adolescentes. As maiores concentrações de trabalho infantil, proporcionalmente, estão entre os filhos de pais que trabalham em construção para o próprio consumo, em trabalho não remunerado, por conta

própria ou como empregador.

Quadro 10 – Proporção de crianças e adolescentes que trabalham, por posição na ocupação do pai e Região

| Proporção de crianças e adolescentes que trabalham, por posição na ocupação do pai e região (*) | | | | | | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|--------|----------|---------|-------|--------------|--------|-----------------------------|
| | Renda domiciliar per capita | Região | | | | | Total | Total de pessoas na posição |
| | | Norte | Nordeste | Sudeste | Sul | Centro Oeste | | |
| Empregado com carteira | 272.82 | 9.5% | 8.9% | 9.3% | 11.8% | 10.5% | 9.7% | 10,166,970 |
| Militar | 564.50 | 1.6% | 4.6% | 3.1% | 0.0% | 13.1% | 4.2% | 83,374 |
| Funcionário público estatutário | 457.50 | 6.9% | 5.7% | 7.6% | 10.1% | 6.7% | 7.4% | 1,635,741 |
| Outros Empregados sem carteira doméstico com carteira | 158.10 | 13.5% | 17.3% | 14.0% | 15.3% | 15.4% | 15.6% | 5,877,013 |
| doméstico sem carteira | 150.65 | 17.3% | 11.5% | 14.9% | 15.0% | 12.1% | 14.0% | 126,960 |
| Conta- própria | 116.79 | 11.7% | 14.2% | 18.0% | 8.1% | 8.2% | 14.0% | 145,252 |
| Empregador | 500.00 | 14.9% | 26.0% | 14.6% | 28.4% | 20.7% | 21.9% | 10,936,158 |
| na produção para o próprio consumo | 186.13 | 13.6% | 16.6% | 14.7% | 17.9% | 14.7% | 15.6% | 2,022,763 |
| na construção para o próprio uso | 696.12 | 20.2% | 26.4% | 25.6% | 21.7% | 16.9% | 24.8% | 420,721 |
| Não remunerado | 105.99 | 21.8% | 12.7% | 12.7% | 38.6% | 9.6% | 16.8% | 79,941 |
| Total | 120.60 | 29.6% | 27.9% | 18.2% | 38.4% | 20.3% | 57,337 | 31,553,932 |
| Total | 25438.8% | 12.7% | 19.4% | 11.9% | 18.4% | 14.6% | 15.6% | 31,553,932 |

(*) Ocupados e procurando trabalho, entre 10 e 17 anos de idade, filhos de pais economicamente ativos.

A renda familiar afeta sobretudo o trabalho de crianças entre 10 e 14 anos de idade, com uma variação de 15 pontos percentuais na proporção dos que trabalham; entre os mais velhos, o trabalho parece não depender da renda familiar, exceto para o segmento de renda mais alta, que ainda assim tem cerca de 30% dos jovens trabalhando. A relação entre a educação da mãe e trabalho infantil é bastante forte, e no sentido esperado, de reduzir o trabalho na medida em que a educação da mãe aumenta. Finalmente, em relação a cor ou raça, os grupos majoritários de brancos, pretos e pardos mostram níveis semelhantes de trabalho infantil, enquanto que os dois grupos minoritários, de indígenas e orientais, apresentam resultados extremos e discrepantes. O número de indígenas pesquisados na PNAD é muito reduzido, mas a indicação é que existem percentagens extremamente altas de trabalho infantil neste segmento; no outro extremo, o grupo oriental, que é bastante homogêneo, é o que apresenta os níveis mais baixos de trabalho infantil.

É preciso tomar em conta que muitas destas características podem ser correlacionadas entre si – por exemplo, as pessoas que trabalham na agricultura são em geral menos educadas do que as que trabalham nas profissões – e por isto nem sempre é possível isolar o efeito de cada variável, embora isto possa ser estimado por técnicas de análise de regressão.⁶ O mais óbvio correlato de todas estas variações é a renda. O Quadro 11 permite examinar o efeito destes diversos condicionantes para diferentes níveis de renda, ou seja, mantendo a influência da renda sob controle.

Quadro 11 – Proporção de pessoas de 10 a 17 anos economicamente ativas, por quintís de renda, para diversas características dos pais e das mães.

| Proporção de pessoas de 10 a 17 anos economicamente ativas, por grupo de idade, para diversas características dos pais e das mães (%) | | | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|-------------------|---------------------|--------------------|-------------------|
| | quintís de renda familiar média | | | | |
| | I - 36.12 | II - 79.40 | III - 133.31 | IV - 228.45 | V - 751.00 |
| Tipo de família | | | | | |
| Casal | 30.8% | 25.7% | 22.1% | 21.8% | 16.7% |
| só mãe | 22.7% | 21.6% | 25.0% | 24.1% | 18.4% |
| outras situações | 26.1% | 25.5% | 26.0% | 32.6% | 26.1% |
| Condição de atividade na semana da mãe | | | | | |
| Economicamente ativa | 37.8% | 30.0% | 26.7% | 24.9% | 19.2% |
| Não economicamente ativa | 17.5% | 16.6% | 17.2% | 19.1% | 14.0% |
| Condição de atividade na semana do pai | | | | | |
| Economicamente ativa | 32.2% | 26.4% | 22.6% | 23.0% | 17.6% |
| Não economicamente ativa | 14.6% | 20.2% | 18.8% | 18.8% | 12.6% |
| Grupo de ocupação no trab. principal da mãe | | | | | |
| Dirigentes em geral | 61.8% | 26.5% | 16.9% | 17.1% | 16.9% |
| Profissionais das ciências e das artes | 38.5% | 13.7% | 8.1% | 14.0% | 8.7% |
| Técnicos de nível médio | 22.3% | 24.2% | 19.3% | 14.5% | 12.0% |
| Serviços administrativos | 6.8% | 9.8% | 14.9% | 13.4% | 13.3% |
| Serviços, outros | 20.2% | 19.5% | 22.5% | 23.8% | 24.9% |
| Vendedores e prestadores de serviço do comércio | 26.9% | 27.5% | 26.0% | 25.1% | 27.3% |
| Ocupações Agrícolas | 52.1% | 48.2% | 46.0% | 48.6% | 47.8% |
| Produção de bens e serviços e da reparação e manutenção | 37.1% | 31.6% | 23.0% | 26.7% | 26.2% |
| Grupo de ocupação no trab. principal do pai | | | | | |
| Dirigentes em geral | 10.8% | 25.3% | 22.4% | 21.7% | 14.6% |
| Profissionais das ciências e das artes | 25.7% | 18.1% | 11.7% | 11.7% | 6.7% |
| Técnicos de nível médio | 20.3% | 16.9% | 12.7% | 14.5% | 12.5% |
| Serviços administrativos | 23.4% | 11.0% | 17.1% | 10.4% | 11.1% |
| Serviços, outros | 19.2% | 16.0% | 17.8% | 21.2% | 23.6% |
| Vendedores e prestadores de serviço do comércio | 24.1% | 24.2% | 22.0% | 22.4% | 23.1% |
| Ocupações Agrícolas | 43.7% | 40.7% | 38.3% | 43.8% | 37.7% |
| Produção de bens e serviços e da reparação e manutenção | 16.5% | 16.7% | 18.2% | 21.6% | 21.4% |
| Educação da mãe | | | | | |
| menos de 1 ano | 34.9% | 28.9% | 29.9% | 32.4% | 28.3% |
| menos de 4 anos | 31.2% | 30.3% | 26.9% | 29.4% | 29.2% |
| primeiro ciclo | 24.6% | 22.1% | 22.0% | 24.6% | 26.8% |
| fundamental (8 anos) | 19.4% | 15.0% | 17.7% | 19.2% | 20.8% |
| médio | 12.3% | 13.9% | 12.9% | 13.6% | 12.7% |
| superior | 13.6% | 18.7% | 19.7% | 14.1% | 7.7% |
| Raça ou cor declarada da mãe | | | | | |
| Indígena | 48.3% | 17.5% | 33.8% | 28.5% | 16.8% |
| Branca | 28.7% | 23.4% | 22.3% | 22.4% | 17.1% |
| Preta | 26.6% | 24.7% | 23.1% | 22.4% | 16.3% |
| Oriental | 48.8% | 31.0% | 14.8% | 11.2% | 5.4% |
| Parda | 29.6% | 25.5% | 23.4% | 23.6% | 19.5% |

⁶ O apêndice 3 apresenta uma tentativa nesse sentido, com uso de regressões logit.

Se a renda fosse o único determinante do trabalho infantil, todas as linhas do Quadro 11 mostrariam valores decrescentes, e não haveria variações nas colunas. O que se observa, no entanto, são variações importantes no sentido vertical, sobretudo nos dois extremos de renda. Para os mais pobres, se a mãe ou o pai trabalham, a proporção de filhos que trabalham aumenta muito significativamente. É provável que isto signifique que os pais trazem os filhos para seu trabalho, que, como sabemos, é em grande parte agrícola; isto se confirma quando examinamos as diferenças de atividade econômica dos filhos em função dos tipos de ocupação dos pais⁷. A educação da mãe afeta o trabalho dos filhos de maneira muito intensa em todos os níveis de renda, confirmando sua importância independentemente de outros fatores. Finalmente, a auto-classificação em termos de “cor ou raça” também mostra diferenças importantes, com os grupos indígena e oriental mostrando níveis de trabalho infantil mais altos do que os demais grupos para o segmento de renda mais baixo. É possível que, aqui, isto se explique também pela atividade agrícola destes grupos, que está mais diluída nas demais categorias.

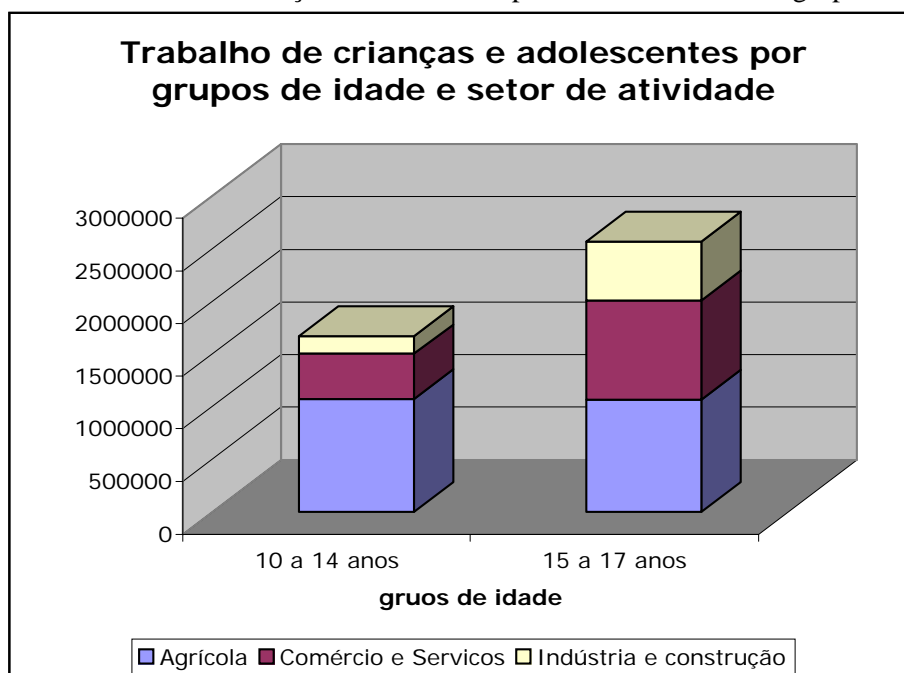
No grupo de renda mais alto, o trabalho de crianças e adolescentes é maior quando os pais estão ausentes. O efeito da atividade econômica do pai e da mãe não é significativo. As maiores diferenças ainda se explicam pelas ocupações, com a atividade agrícola explicando as maiores diferenças. A educação da mãe tem um efeito claro na redução do trabalho infantil em todas as faixas de renda. Finalmente, é no grupo de origem oriental que o trabalho infantil é mais reduzido nesta faixa.

Atividades e ocupações de crianças e adolescentes

O trabalho de crianças e adolescentes se dá sobretudo nos grupos de idade acima dos 14 anos, e muda de característica conforme a idade. As crianças e adolescentes de 10 a 14 anos trabalham sobretudo em atividades agrícolas na área rural. Na medida em que a idade aumenta, o trabalho agrícola diminui em termos relativos, e as atividades de serviços, predominantemente urbanas, passam a predominar (Gráfico 6).

⁷ Algumas das ocupações das mães, como por exemplo de “dirigentes em geral”, mostram valores muito altos de trabalho infantil, mas este é um grupo muito diminuto na amostra, e esta informação não pode ser generalizada

Gráfico 6 - Trabalho de crianças e adolescentes por setor de atividade e grupos de idade



Quase todo o trabalho de crianças e adolescentes é de tipo informal. Na área rural, 77% dos que trabalham, produzem ou trabalham em atividades de construção para o próprio consumo.⁸ Nas áreas metropolitanas, ao contrário, o trabalho para próprio consumo ou uso é próximo dos 15% (Quadro 12). Existem importantes diferenças por gênero. Cerca de 30% das mulheres trabalham em serviços domésticos, ou seja, como empregadas domésticas, quase sempre sem carteira de trabalho (Quadro 13).

⁸ Existe uma importante diferença no critério de classificação desta questão entre as PNADs 2001 e 2002. Na PNAD 2001 aparece um grande número de pessoas classificadas como desempenhando trabalho não remunerado, e relativamente poucas trabalhando para o próprio consumo; na PNAD 2002 se dá o inverso, mas pode-se presumir que os que foram classificados como trabalhando para o próprio consumo não têm remuneração.

Quadro 12 – Posição na ocupação, por área de residência (crianças e adolescentes de 5 a 17 anos)

Crianças e adolescentes que trabalham, por posição na ocupação e área de residência (5 a 17 anos)

| | Urbana | | | Total |
|---------------------------------|---------------|-----------|-----------|-----------|
| | metropolitana | urbana | rural | |
| a) totais | | | | |
| Empregado com carteira | 106,087 | 253,852 | 27,850 | 387,789 |
| Outros empregados sem carteira | 487,235 | 1,317,914 | 316,074 | 2,121,223 |
| Doméstico sem carteira | 110,294 | 504,960 | 89,756 | 705,010 |
| Conta- própria | 103,475 | 229,146 | 82,214 | 414,835 |
| Produção para o próprio consumo | 140,019 | 627,370 | 1,461,931 | 2,229,320 |
| Construção para o próprio uso | 14,614 | 92,231 | 253,094 | 359,939 |
| Outros | 17,077 | 23,719 | 5,483 | 46,279 |
| Total | 978,801 | 3,049,192 | 2,236,402 | 6,264,395 |
| b) percentagens | | | | |
| Empregado com carteira | 10.8% | 8.3% | 1.2% | 6.2% |
| Outros empregados sem carteira | 49.8% | 43.2% | 14.1% | 33.9% |
| Doméstico sem carteira | 11.3% | 16.6% | 4.0% | 11.3% |
| Conta- própria | 10.6% | 7.5% | 3.7% | 6.6% |
| Produção para o próprio consumo | 14.3% | 20.6% | 65.4% | 35.6% |
| Construção para o próprio uso | 1.5% | 3.0% | 11.3% | 5.7% |
| Outros | 1.7% | 0.8% | 0.3% | 0.7% |
| Total | 100.0% | 100.0% | 100.0% | 100.0% |

Quadro 13 – Crianças e adolescentes ocupados, por tipo de atividade e gênero (5 a 17 anos)

| Crianças e adolescentes ocupados, por tipo de atividade e gênero (5 a 17 anos) | | | | | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------|---------------|-----------|-----------|---------------------|----------|--------|
| | Masculino | Feminino | Total | Masculino | Feminino | Total |
| | <i>Totais</i> | | | <i>percentagens</i> | | |
| Agrícola | 1,763,700 | 654,891 | 2,418,591 | 45.3% | 27.6% | 38.6% |
| Indústria e construção | 663,825 | 231,075 | 894,900 | 17.1% | 9.7% | 14.3% |
| Comércio e serviços | 1,308,060 | 722,576 | 2,030,636 | 33.6% | 30.4% | 32.4% |
| Serviços domésticos | 33,524 | 688,768 | 722,292 | 0.9% | 29.0% | 11.5% |
| Outros serviços coletivos, sociais e pessoais | 87,410 | 82,676 | 170,086 | 2.2% | 3.5% | 2.7% |
| Outras atividades | 120,428 | 77,548 | 197,976 | 3.1% | 3.3% | 3.2% |
| Total | 3,889,537 | 2,374,858 | 6,264,395 | 100.0% | 100.0% | 100.0% |

A pesquisa da PNAD não inclui a zona rural da região amazônica exceto para o Estado de Tocantins, e por isto os dados da Região Norte não são estritamente comparáveis com os das demais. É possível observar que nas regiões Sul e Nordeste predominam o trabalho agrícola, e nas regiões Sudeste e Norte urbano as atividades de comércio e serviços. Em termos de posição na ocupação, no Sudeste predominam os empregos sem carteira, e do Sul e Nordeste a produção para o próprio consumo. Estes dados corroboram a idéia geral de que a principal concentração do trabalho de crianças e adolescentes no Brasil se dá nas zonas rurais das regiões Sul e Nordeste.

Os homens se concentram no trabalho rural, enquanto que, para as mulheres, existe uma proporção importante que se dedica ao serviço doméstico. Em relação a raça ou cor, chamam atenção o predomínio de pardos no trabalho agrícola, e o número maior de pretos em atividades como serviço doméstico. Aparentemente, estas diferenças se devem ao fato de que as populações identificadas como “brancas” ou “pretas” são mais urbanas do que as identificadas como pardas.

Quadro 14 – Crianças e adolescentes ocupados, por ramos de atividade e raça ou cor

| | Cor ou raça | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|----------------|------------------|------------------|
| | Branca | Preta | Parda | Total |
| Crianças e adolescentes ocupados, por ramos de atividade e raça ou cor (5 a 17 anos). | | | | |
| Agrícola | 32.9% | 28.9% | 44.3% | 38.6% |
| Indústria | 0.2% | 0.1% | 0.3% | 0.3% |
| Indústria de transformação | 11.9% | 9.6% | 8.2% | 10.1% |
| Construção | 3.5% | 8.4% | 4.3% | 3.8% |
| Comércio e reparação | 22.8% | 18.1% | 16.7% | 19.1% |
| Alojamento e alimentação | 4.9% | 4.3% | 4.3% | 4.5% |
| Transporte, armazenagem e comunicação | 2.1% | 3.4% | 2.2% | 2.1% |
| Administração pública | 1.2% | 1.4% | 0.8% | 1.1% |
| Educação, saúde e serviços sociais | 3.4% | 3.4% | 1.7% | 2.5% |
| Serviços domésticos | 9.7% | 17.0% | 12.5% | 9.3% |
| Outros serviços coletivos, sociais e pessoais | 3.0% | 3.2% | 2.5% | 2.9% |
| Outras atividades | 4.0% | 1.3% | 1.8% | 2.6% |
| Atividades mal definidas ou não declaradas | 0.3% | 0.9% | 0.5% | 0.4% |
| Total (100%) | 2,706,010 | 298,474 | 3,229,521 | 6,262,368 |

O detalhamento das principais atividades de crianças e adolescentes em 2002 pode ser visto no Quadro 15, com sua distribuição percentual entre áreas metropolitanas, urbanas não

metropolitanas e rurais⁹. A maior categoria é a de serviços domésticos, com quase 500 mil pessoas, trabalhando sobretudo em áreas urbanas fora dos grandes centros metropolitanos. Segue-se uma série de atividades agrícolas, e depois as atividades de construção e pequeno comércio nas cidades. Existe ainda um número significativo de pessoas envolvidas em serviços de reparação de automóveis, manufaturas de alimentos, e outros.

⁹ Só foram incluídas atividades com 10 mil pessoas ou mais na estimativa.

Quadro 15 – Crianças e adolescentes que trabalham: atividades principais, por área de residência.

| Crianças e adolescentes ocupadas na semana: principais atividades, por área de residência (10 a 17 anos). | Área de residência | | | Total |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|---------|---------|---------|
| | Urbana metropolitana | urbana | rural | |
| | Serviços domésticos | 73,732 | 341,855 | |
| Cultivo de outros produtos de lavoura temporária | 2,332 | 56,935 | 260,148 | 319,415 |
| Cultivo de milho | * | 26,221 | 272,426 | 299,063 |
| Cultivo de mandioca | * | 33,595 | 235,231 | 269,030 |
| Criação de bovinos | 833 | 38,114 | 211,855 | 250,802 |
| Construção | 51,373 | 127,954 | 15,890 | 195,217 |
| Comércio de produtos alimentícios, bebidas e fumo | 40,687 | 135,733 | 16,592 | 193,012 |
| Outros serviços de alimentação - exceto ambulantes | 53,402 | 128,278 | 10,599 | 192,279 |
| Cultivo de hortaliças, legumes e outros produtos da horticu | 9,230 | 56,153 | 119,236 | 184,619 |
| Comércio varejista realizado em postos móveis, instalados e | 52,263 | 95,060 | 20,325 | 167,648 |
| Criação de aves | 7,824 | 35,268 | 85,134 | 128,226 |
| Cultivo de arroz | | 16,855 | 108,965 | 125,820 |
| Serviços de reparação e manutenção de veículos automotores | 28,978 | 91,031 | 5,562 | 125,571 |
| Supermercado e Hipermercado | 16,803 | 65,676 | 5,309 | 87,788 |
| Cultivo de fumo | | 1,966 | 83,903 | 85,869 |
| Fabricação de outros produtos alimentícios | 20,334 | 42,535 | 8,996 | 71,865 |
| Comércio de artigos do vestuário, complementos e calçados | 14,881 | 53,562 | 1,502 | 69,945 |
| Cultivo de café | | 7,871 | 57,577 | 65,448 |
| Transporte rodoviário de cargas - exceto de mudanças | 10,248 | 46,288 | 2,828 | 59,364 |
| Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - excet | 2,773 | 33,316 | 20,646 | 56,735 |
| Silvicultura e exploração florestal | 1,187 | 6,415 | 42,340 | 49,942 |
| Fabricação de calçados | 7,562 | 36,275 | 4,068 | 47,905 |
| Cultivo de soja | | 4,693 | 40,361 | 45,054 |
| Cultivo de outros produtos de lavoura permanente | * | 9,957 | 34,102 | 44,270 |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios - exceto sob | 8,550 | 30,449 | 3,981 | 42,980 |
| Comércio de madeira, material de construção, ferragens e fe | 8,245 | 27,418 | 3,679 | 39,342 |
| Comércio de mercadorias em geral - inclusive mercadorias us | 12,087 | 24,340 | 1,737 | 38,164 |
| Atividades jurídicas; de contabilidade; e de pesquisas de m | 7,522 | 29,286 | * | 37,122 |
| Administração do Estado e da política econômica e social - | 3,925 | 28,900 | 1,748 | 34,573 |
| Representantes comerciais e agentes do comércio | 4,882 | 26,465 | 2,922 | 34,269 |
| Fabricação de artigos do mobiliário | 6,956 | 24,625 | 1,852 | 33,433 |
| Ambulantes de alimentação | 9,135 | 17,739 | 5,166 | 32,040 |
| Fabricação de produtos cerâmicos | 3,278 | 14,649 | 14,051 | 31,978 |
| Outras atividades associativas | 6,569 | 24,464 | * | 31,864 |
| Outras atividades artísticas e de espetáculos | 9,895 | 19,761 | 1,311 | 30,967 |
| Serviços sociais | 16,333 | 12,341 | 1,791 | 30,465 |
| Atividades de serviços relacionados com a agricultura | 1,288 | 16,487 | 12,623 | 30,398 |
| Comércio de produtos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, o | 4,400 | 21,504 | 1,433 | 27,337 |
| Pesca e serviços relacionados | 2,629 | 14,723 | 9,866 | 27,218 |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipan | 6,340 | 18,544 | 1,141 | 26,025 |
| Educação regular, supletiva e especial particular | 11,454 | 13,515 | * | 25,740 |
| Saúde particular | 9,748 | 15,092 | * | 25,440 |
| Comércio de eletrodomésticos, móveis e outros artigos de re | 3,899 | 20,426 | * | 24,651 |
| Cultivo de banana | | 1,658 | 22,673 | 24,331 |
| Criação de outros animais | * | 5,210 | 18,669 | 24,293 |
| Transporte rodoviário de passageiros | 10,657 | 9,603 | 3,377 | 23,637 |
| Fabricação de produtos de madeira | 1,200 | 15,940 | 6,349 | 23,489 |
| Cabeleireiros e outros tratamentos de beleza | 6,781 | 14,879 | 1,791 | 23,451 |
| Cultivo de cana-de-açúcar | * | 4,369 | 18,302 | 22,876 |
| Comércio de peças e acessórios para veículos automotores | 5,856 | 15,795 | | 21,651 |
| Fabricação de produtos diversos | 9,190 | 11,812 | * | 21,568 |
| Outras atividades de ensino | 4,513 | 16,998 | | 21,511 |
| Atividades desportivas e outras relacionadas ao lazer | 4,710 | 13,916 | 1,671 | 20,297 |
| Comércio de livros, jornais, revistas e papelaria | 5,768 | 13,530 | | 19,298 |
| Criação de suínos | * | 3,666 | 14,645 | 18,879 |
| Reparação de objetos pessoais e domésticos - exceto de elet | 4,407 | 13,486 | * | 18,792 |
| Outros serviços prestados às empresas | 5,438 | 12,446 | * | 18,450 |
| Educação regular, supletiva e especial pública | 4,053 | 12,277 | 2,097 | 18,427 |
| Cultivo de flores, plantas ornamentais e produtos de viveir | | 4,452 | 13,280 | 17,732 |
| Comércio de resíduos e sucatas | 5,726 | 11,561 | * | 17,704 |
| Publicidade | 12,427 | 5,250 | | 17,677 |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 7,972 | 8,771 | * | 17,344 |
| Criação de animais mal especificados | * | 6,347 | 10,017 | 16,944 |
| Fabricação de produtos do laticínio | * | 13,834 | 1,933 | 16,747 |
| Outras atividades de serviços pessoais | 5,340 | 10,736 | | 16,076 |
| Comércio de produtos agropecuários | 3,114 | 12,148 | * | 15,677 |
| Criação de ovinos | | 1,055 | 14,513 | 15,568 |
| Fabricação de produtos diversos de minerais não-metálicos | 3,573 | 9,715 | 1,379 | 14,667 |
| Reparação e manutenção de eletrodomésticos | 4,040 | 9,318 | 1,039 | 14,397 |

A análise detalhada das atividades permite avançar no conhecimento mais preciso do trabalho de crianças e adolescentes. Assim, nas áreas metropolitanas predominam as atividades de emprego doméstico, trabalho em restaurantes, na construção civil, no comércio ambulante e em oficinas de assistência técnica a veículos. Nas demais áreas urbanas predominam mais ou menos as mesmas categorias, mas há um aumento relativo de atividades agrícolas e artesanais, como a fabricação de calçados, alfaiataria, indústrias de madeira, etc. Nas áreas rurais diminui a importância do emprego doméstico, e se sobressaem as atividades agrícolas tradicionais, como culturas diversas, cultura do milho e da mandioca e criação de animais. Chama a atenção a importância da cultura da mandioca na região Nordeste, e da criação de animais na região Sul. Do ponto de vista das diferenças de gênero, além do predomínio já esperado de mulheres em serviços domésticos, elas também superam os homens em trabalhos em restaurantes, serviços pessoais e comércio de vestuários, e também em algumas atividades agrícolas mais específicas, como a criação de aves e a cultura do fumo. As diferenças por grupos de cor ou raça, tanto quanto as que existem em relação às ocupações, parecem se explicar, sobretudo, pelas diferenças étnicas e culturais que existem entre os residentes das diversas áreas e regiões do país.

Rendimento

A remuneração das crianças e adolescentes que trabalham depende da idade, do sexo, da região em que vivem do trabalho que exercem. Em 2002, na média, o rendimento obtido entre os que tinham rendimento era de aproximadamente três quartos do salário mínimo; no entanto, quase a metade dos economicamente ativos não tinha rendimento monetário algum. O emprego formal é o que paga melhor, e as mulheres que estão neste grupo ganham mais do que os homens. O trabalho informal paga pouco, e as crianças e adolescentes que trabalham por conta própria não chegam a fazer sequer a metade de um salário mínimo mensal.

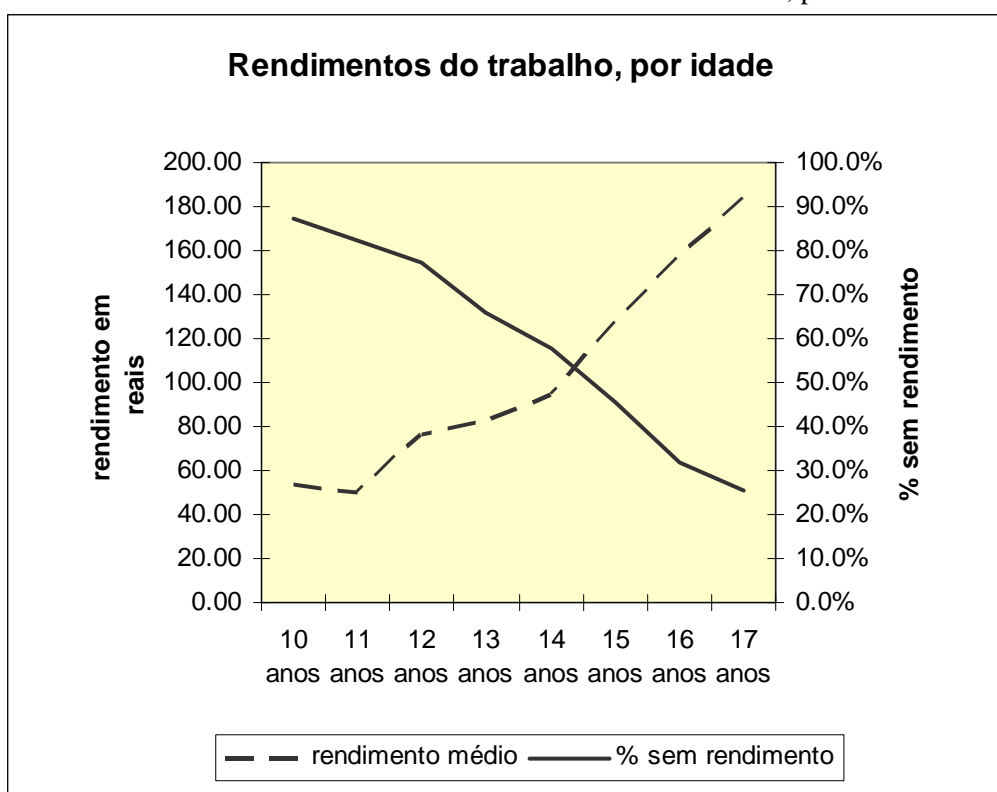
Quadro 16 – Trabalho sem rendimento e rendimento médio, por gênero e idade

| Trabalho sem rendimento e rendimento médio, por gênero e idade. | | | | | | |
|-----------------------------------------------------------------|---------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| | masculino | | feminino | | total | |
| idade | rendimento médio(*) | % sem rendimento | rendimento médio | % sem rendimento | rendimento médio | % sem rendimento |
| 10 anos | 44.57 | 88.5% | 70.36 | 83.9% | 53.93 | 87.2% |
| 11 anos | 54.81 | 82.2% | 36.79 | 82.9% | 49.56 | 82.4% |
| 12 anos | 78.39 | 78.2% | 73.67 | 75.1% | 76.65 | 77.2% |
| 13 anos | 85.50 | 67.7% | 77.42 | 61.9% | 82.50 | 65.8% |
| 14 anos | 100.32 | 60.9% | 86.24 | 52.1% | 94.74 | 57.8% |
| 15 anos | 139.37 | 47.8% | 109.17 | 41.3% | 127.38 | 45.4% |
| 16 anos | 171.80 | 34.9% | 135.09 | 26.6% | 157.48 | 31.9% |
| 17 anos | 195.56 | 27.7% | 165.83 | 22.0% | 183.96 | 25.6% |
| Total | 157.14 | 48.9% | 130.47 | 40.9% | 146.78 | 46.0% |

(*) rendimento mensal de todos os trabalhos em reais, dos que têm rendimento
 Valor do salário mínimo em Setembro de 2002 - 200 reais

A relação entre idade e rendimento é extremamente forte. Em 2002, 88% das crianças de 10 anos que trabalham não recebiam nada e a média dos ganhos de quem recebia era abaixo de 50 reais. Aos 17 anos, a proporção de pessoas trabalhando sem rendimento caía para 25%, e a renda chegava a 175 reais.

Gráfico 7 – Rendimentos do trabalho e % sem rendimento, por idade



O rendimento está influenciado também pela região. O maior rendimento médio se dá nas áreas metropolitanas do Sul e do Sudeste; o menor, na área rural do Nordeste, cerca de três vezes menos. Em termos de ramos de atividade, os serviços auxiliares à atividade econômica, a indústria

e outras atividades urbanas pagam mais do que as atividades rurais. E, ainda que os homens ganhem na média um pouco mais do que as mulheres, as mulheres ganham mais do que os homens na indústria de transformação, transporte, comunicações, serviços auxiliares, comércio de mercadoria e outras, provavelmente por exercerem funções de natureza administrativa.

A carga de trabalho

Existe uma grande variação na quantidade de horas trabalhadas por crianças e adolescentes, que é função, em parte, da idade e, em parte, do tipo de atividade desempenhada. O média de horas semanais começa próximo de 17 horas, ou seja, menos de meia jornada, ao redor dos 10 anos, e evolui até cerca de 36 horas semanais, ou pouco mais de sete horas diárias, para o grupo de 17 anos. O emprego doméstico informal é o que mais absorve as crianças e adolescentes, (na grande maioria dos casos do sexo feminino), seguido do emprego formal, em contraste com o trabalho para o próprio consumo, que não chega a consumir a metade do tempo útil, e o trabalho não remunerado, domiciliar ou não, que fica por volta das 24 horas semanais. A comparação das horas trabalhadas nas regiões metropolitanas com as regiões urbanas e rurais mostra que o trabalho no campo tende a ser menos absorvente do tempo do menor do que nas cidades.

Quadro 17 – Horas trabalhadas por semana, por idade e gênero

| Horas trabalhadas por semana em todos os trabalhos, por idade (10 a 17 anos) | | | | | | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------|---------------|----------------|----------------|----------------|-------------------|-----------------------|---------------|
| | | Até 14 | 15 a 39 | 40 a 44 | 45 a 48 | 49 ou mais | Sem declaração | Total |
| masculino | 10 | 40.3% | 56.5% | 1.1% | 0.8% | 1.3% | | 100.0% |
| | 11 | 38.7% | 58.0% | 2.4% | | 0.9% | | 100.0% |
| | 12 | 30.8% | 60.6% | 4.0% | 2.1% | 2.6% | | 100.0% |
| | 13 | 26.2% | 59.8% | 6.7% | 3.7% | 3.2% | 0.3% | 100.0% |
| | 14 | 21.9% | 57.6% | 9.8% | 7.0% | 3.7% | | 100.0% |
| | 15 | 12.7% | 51.3% | 18.6% | 9.5% | 7.7% | 0.2% | 100.0% |
| | 16 | 7.8% | 40.8% | 27.6% | 12.8% | 11.0% | 0.1% | 100.0% |
| | 17 | 5.8% | 34.9% | 30.3% | 14.3% | 14.6% | | 100.0% |
| | Total | 15.9% | 47.7% | 18.8% | 9.2% | 8.3% | 0.1% | 100.0% |
| feminino | 10 | 43.5% | 53.1% | 0.7% | 1.0% | | 1.7% | 100.0% |
| | 11 | 46.2% | 51.6% | 1.3% | | 0.9% | | 100.0% |
| | 12 | 42.2% | 49.6% | 3.6% | 1.4% | 2.8% | 0.4% | 100.0% |
| | 13 | 35.7% | 49.7% | 5.1% | 4.5% | 5.0% | | 100.0% |
| | 14 | 25.2% | 54.3% | 8.7% | 4.4% | 7.4% | | 100.0% |
| | 15 | 20.6% | 47.2% | 12.0% | 8.2% | 12.0% | | 100.0% |
| | 16 | 15.8% | 41.4% | 20.7% | 7.5% | 14.4% | 0.1% | 100.0% |
| | 17 | 10.4% | 41.2% | 23.3% | 12.2% | 12.8% | | 100.0% |
| | Total | 21.7% | 45.9% | 14.7% | 7.4% | 10.2% | 0.1% | 100.0% |

As condições de trabalho

A legislação brasileira permite o trabalho de jovens de mais de 15 anos em condições de aprendizagem. A PNAD dá informações sobre a informalidade ou formalidade das relações de trabalho, e o Suplemento de Trabalho Infantil de 2001 permite examinar em mais detalhe as condições do trabalho infantil. As principais informações a este respeito podem ser vistas no Quadro 18. A percentagem dos que trabalham em situação que poderia ser considerada regular não chega a 8%, e menos de 7% declaram que estão em alguma atividade formal de formação profissional, embora 17% digam participar de algum programa social voltado para a educação. O auxílio mais recebido é o auxílio alimentação, que não chega a 18% do total. Não há muita insatisfação declarada com o trabalho, e a grande maioria diz que trabalha porque quer, e não porque os pais ou responsáveis querem; mas a proporção dos que declaram que o trabalho implica risco de saúde é de mais de 50%, e só 18% declaram fazer uso de equipamento de proteção.

Quadro 18 – Características do trabalho de crianças e adolescentes, por grupos de idade

| Características do trabalho de crianças e adolescentes, por grupos de idade | | | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------|------------|--------------|--------------|-----------|--------------------------|
| | 5 a 9 anos | 10 a 14 anos | 15 a 17 anos | Total | percentagem dos ocupados |
| Condição de ocupação | | | | | |
| Economicamente ativas | 314,915 | 2,141,721 | 4,142,830 | 6,599,466 | |
| Ocupadas | 296,705 | 1,935,269 | 3,250,541 | 5,482,515 | 100.0% |
| Procurando emprego | 18,210 | 206,452 | 892,289 | 1,116,951 | |
| Razões para trabalhar | | | | | |
| Trabalhar porque quer | 165,783 | 1,306,809 | 2,697,442 | 4,170,034 | 76.1% |
| Trabalha porque pais ou responsáveis querem | 130,441 | 617,301 | 519,072 | 1,266,814 | 23.1% |
| Contrato de trabalho e benefícios | | | | | |
| Era contribuinte para instituto de previdência | * | 9,404 | 415,545 | 425,806 | 7.8% |
| Nesse emprego tinha carteira de trabalho assinada | * | 8,253 | 389,009 | 398,119 | 7.3% |
| Recebeu auxílio moradia | 2,737 | 42,897 | 160,018 | 205,652 | 3.8% |
| recebeu auxílio para alimentação | 2,908 | 148,461 | 603,071 | 754,440 | 13.8% |
| recebeu auxílio para transporte | * | 44,866 | 368,891 | 414,614 | 7.6% |
| recebeu auxílio para educação ou creche | 1,067 | 13,055 | 27,036 | 41,158 | 0.8% |
| recebeu auxílio para saúde ou reabilitação | | 20,369 | 103,589 | 123,958 | 2.3% |
| Estava inscrito ou era beneficiário de algum programa social voltado para educação | 127,104 | 647,630 | 183,140 | 957,874 | 17.5% |
| Frequenta curso de especialização ou de formação profissional | 2,965 | 66,740 | 290,820 | 360,525 | 6.6% |
| Condições de trabalho | | | | | |
| Estava satisfeito nesse trabalho | 240,070 | 1,577,224 | 2,596,830 | 4,414,124 | 80.5% |
| Insatisfação por trabalho cansativo | 32,527 | 154,932 | 195,959 | 383,418 | 7.0% |
| Insatisfação por mau relacionamento com empregador | | 3,859 | 9,113 | 12,972 | 0.2% |
| Insatisfação por falta de tempo de estudar | 5,216 | 33,741 | 43,443 | 82,400 | 1.5% |
| Trabalho podia provocar algum machucado ou doença | 153,265 | 1,008,109 | 1,676,300 | 2,837,674 | 51.8% |
| Utilizava algum equipamento de proteção | 31,795 | 318,979 | 681,459 | 1,032,233 | 18.8% |
| Machucou-se ou ficou doente devido a esse trabalho no ano | 17,791 | 130,445 | 221,259 | 369,495 | 6.7% |

Fonte: PNAD 2001, Suplemento de Trabalho Infantil

Educação

Em geral, o trabalho tem um efeito perverso no desenvolvimento educacional da criança e do adolescente. Este efeito, no entanto, depende da idade, tipo e duração do trabalho, e pode afetar

tanto a presença ou não da criança à escola, como seu aproveitamento.

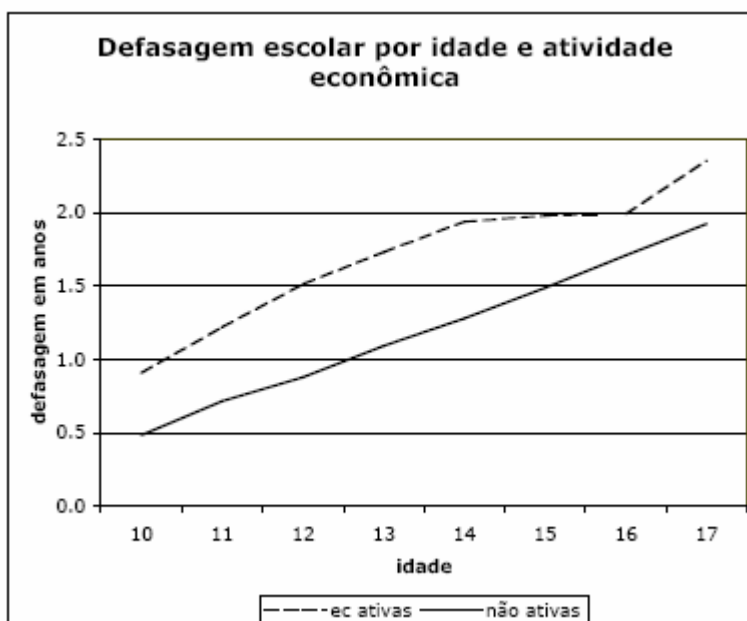
Três indicadores facilmente observáveis de desempenho escolar são o analfabetismo, a presença ou ausência à escola, e a defasagem idade-série. Nos últimos anos, o acesso a educação básica no Brasil se tornou praticamente universal, e os dados de 2002 refletem este desenvolvimento. Somente 3.4% da população entre 10 e 17 anos de idade aparece na PNAD como analfabeta; entre os economicamente ativos neste grupo, o analfabetismo sobe um pouco, para 4%. Na população entre 5 e 17 anos, 91.7% dos que não trabalham freqüentam escolas, em contraste com somente 80.7% dos que trabalham. Esta diferença se deve em boa parte ao fato de que os que trabalham são em geral mais velhos (Quadro 19).

Quadro 19 – Crianças e adolescentes que freqüentam escola, por idade e atividade econômica

| Proporção que sabe ler e escrever e freqüenta escola, por idade e atividade econômica | | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|-----------------|-------------------------------|-----------------|
| Idade | % que sabe ler e escrever | | % que freqüenta escola | |
| | ativos | inativos | ativos | inativos |
| 5 | 11.8% | 15.1% | 52.9% | 66.9% |
| 6 | 27.9% | 36.9% | 77.0% | 86.0% |
| 7 | 50.8% | 66.9% | 95.2% | 94.9% |
| 8 | 61.0% | 83.1% | 96.7% | 97.5% |
| 9 | 76.6% | 90.8% | 97.6% | 98.2% |
| 10 | 85.7% | 93.5% | 97.7% | 98.3% |
| 11 | 91.3% | 95.9% | 98.1% | 98.3% |
| 12 | 91.8% | 97.1% | 95.1% | 98.0% |
| 13 | 94.5% | 97.8% | 91.9% | 97.2% |
| 14 | 96.4% | 98.0% | 88.1% | 95.0% |
| 15 | 97.4% | 97.8% | 82.3% | 91.7% |
| 16 | 96.9% | 97.4% | 75.4% | 86.1% |
| 17 | 97.1% | 97.5% | 68.3% | 79.5% |
| Total | 94.3% | 80.0% | 80.7% | 91.7% |

A defasagem idade-série é uma característica bastante generalizada da educação brasileira, que apresenta um dos piores índices de repetência escolar em todo o mundo. Nos anos recentes, houve um esforço sistemático por parte do Ministério da Educação e de muitos governos estaduais para reduzir o atraso escolar, mantendo as crianças com seu grupo de idade e compensando pelas deficiências quando necessário, mas a noção de que a repetência escolar é um instrumento pedagógico importante ainda tem muitos adeptos. Teoricamente, crianças de 10 anos de idade deveriam estar na 4ª série do ensino fundamental, as de 11 anos na 5ª série, e assim sucessivamente. O gráfico abaixo dá o atraso relativo em anos de escolaridade das diversas faixas de idade, para crianças e adolescentes economicamente ativas ou não. O que ele revela é que o atraso é generalizado, e que trabalhar significa um atraso adicional de meio ano aos 10 anos de idade, subindo até um ano e meio aos 14 anos, e se reduzindo depois, quando muitos dos que trabalhavam e estavam atrasados já deixaram o sistema escolar.

Gráfico 8 – Defasagem escolar por idade e atividade econômica



A análise mais detalhada dos dados permite identificar as situações mais associadas ao abandono escolar. Em relação à ocupação, ela é maior entre os que trabalham em atividades domésticas, e por conta própria. Em relação à atividade, o abandono é maior entre os que trabalham em atividades industriais e de transportes. Do ponto de vista regional, o Nordeste e o Sul têm percentagens maiores de abandono do que as regiões Sudeste e Centro Oeste. O abandono é menor nas regiões metropolitanas, e maior na zona rural; e maior entre a população que se define como “preta” do que entre as demais. No grupo de 15 a 17 anos, aproximadamente um terço das pessoas já não freqüentam escolas.

Estes dados costumam ser interpretados em função do impacto do trabalho sobre a educação, mas é bastante provável que haja também um efeito inverso, sobretudo para os grupos de menor idade, ou seja: que seja a ausência à escola que leve ao trabalho, e não o contrário. De fato, apesar de o acesso à escola estar praticamente generalizado no Brasil de hoje, a situação da oferta educacional ainda é precária nas regiões rurais, sobretudo a partir da quinta série do ensino fundamental. Mesmo quando existe escola para adolescentes de 14 a 17 anos, é bastante freqüente, nas áreas rurais e nas periferias urbanas, que estas escolas funcionem de forma precária, com todos os alunos reunidos em uma única sala de aula, com professores desmotivados e despreparados, transmitindo conhecimentos que fazem pouco ou nenhum sentido para os estudantes. Seja pela ausência ou precariedade das escolas, seja pelo atraso acumulado ao longo dos anos, seja pela desmotivação do meio, seja pelo desejo de ter alguma renda própria, o fato é

que um grande número de adolescentes abandona a escola ao redor dos 14 anos, e a partir daí o trabalho passa a ser uma alternativa de ocupação razoável, que traz benefícios monetários imediatos, e evita a ociosidade. Na medida em que isto ocorre, é possível argumentar que não faz sentido coibir o trabalho de crianças e adolescentes, sem assegurar que eles tenham condições efetivas de freqüentar uma escola que o motive e interesse. Por outra parte, é possível argumentar também que se, primeiro, esperarmos que surjam as condições efetivas de freqüência a uma boa escola, para depois coibirmos o trabalho infantil, corremos o duplo risco de que as condições não se dêem nunca, e que, mesmo que as escolas deixem a desejar em termos de qualidade do ensino e de infra-estrutura, é importante assegurar o acesso à escola de maneira a provocar sua melhora por meio da pressão da comunidade escolar.

As explicações sobre a ausência à escola.

O suplemento especial da PNAD 2001 sobre o trabalho infantil incluiu duas perguntas sobre o abandono e a falta ocasional à escola, e os resultados principais podem ser vistos no Quadro 20. O motivo que mais aparece para o abandono é o da decisão do próprio aluno, sobretudo entre os mais velhos: “não quis freqüentar a escola”. O trabalho aparece como segunda razão, com 20% das respostas entre os mais velhos. Na área rural, um forte fator para o abandono ainda é a ausência de escola perto de casa (16%). A falta ocasional é explicada sobretudo por doença (51% das respostas) e depois, novamente, pela decisão individual do aluno (“não quis comparecer”). Problemas com a própria escola (falta de professor, greve) são também significativos, e afetam sobretudo o segmento de mais idade.

Quadro 20 – Razões para a falta ocasional e o abandono à escola

| Razões para a falta ocasional e o abandono escolar, por grupo de idade e área de residência (percentagens) | grupo de idade | | | Área | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|--------------|--------------|----------|--------|-------|-------|
| | 5 a 9 anos | 10 a 14 anos | 15 a 17 anos | metropo- | | | total |
| | | | | litana | urbana | rural | |
| a) razões para a falta ocasional à escola | | | | | | | |
| Doença | 61.2 | 49.4 | 36.6 | 53.7 | 51.6 | 43.9 | 50.9 |
| Não quis comparecer | 7.3 | 13.2 | 20.7 | 14.5 | 13.1 | 8.1 | 12.7 |
| Falta de professor, greve | 7.9 | 13.3 | 15.7 | 10.1 | 13.2 | 10.6 | 11.8 |
| Trabalhar ou procurar trabalho | 0.3 | 1.9 | 5.8 | 1.2 | 1.7 | 5.2 | 2.2 |
| Falta de transporte escolar | 1.7 | 2.7 | 2.6 | 0.4 | 0.7 | 10.8 | 2.3 |
| Ajuda nos afazeres domésticos | 0.7 | 2.4 | 1.9 | 1.4 | 1.4 | 2.8 | 1.6 |
| outros motivos | 21.0 | 17.1 | 16.7 | 18.7 | 18.3 | 18.6 | 18.5 |
| total | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |
| b) razões para abandono escolar | | | | | | | |
| Não quis frequentar escola | 5.8 | 32.5 | 39.0 | 19.0 | 27.5 | 22.4 | 24.2 |
| Trabalhar ou procurar trabalho | 0.1 | 7.7 | 20.5 | 9.4 | 10.5 | 10.1 | 10.2 |
| Falta vaga na escola | 13.9 | 6.4 | 3.2 | 16.7 | 7.1 | 3.4 | 8.1 |
| Doença ou incapacidade | 5.4 | 17.8 | 5.3 | 6.3 | 8.0 | 6.2 | 7.1 |
| Não existe escola perto de casa | 11.5 | 3.7 | 2.7 | 2.1 | 3.0 | 16.1 | 6.5 |
| Os pais ou responsáveis não querem que frequentem | 13.4 | 2.4 | 1.1 | 4.9 | 7.3 | 6.0 | 6.4 |
| Falta dinheiro para as despesas(de mensalidade, material, transporte, etc) | 6.7 | 3.8 | 2.9 | 6.9 | 4.5 | 3.1 | 4.6 |
| outros motivos | 43.2 | 25.7 | 25.4 | 34.6 | 32.1 | 32.8 | 32.8 |
| Total | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 | 100.0 |

Conclusões

Como a população brasileira é sobretudo urbana, o trabalho infanto-juvenil ocorre também principalmente nas áreas urbanas, mas, proporcionalmente, tem mais importância nas regiões agrícolas e em atividades também agrícolas, e em famílias que trabalham por conta própria, seja na agricultura, seja em atividades urbanas, como o pequeno comércio e os serviços¹⁰. Em termos regionais, ele prepondera tanto nos estados mais pobres do país, como a Bahia e o Ceará, como nos estados do Sul, Santa Catarina e Rio Grande, que têm uma tradição de agricultura familiar mais consolidada. Nas idades menores, prepondera o trabalho sem remuneração. Na medida em que a população brasileira deixa o campo, o trabalho de crianças e adolescentes também se reduz. Boa parte do trabalho de crianças e adolescentes no Brasil está associado à condição de pobreza das famílias, mas não pode ser explicado primordialmente como uma estratégia das famílias mais pobres para aumentar sua renda. Mais importante parecem ser a tradição de agricultura familiar que prepondera na região Sul, e a precariedade e incapacidade do sistema educacional de manter e integrar as crianças e adolescentes nas escolas, particularmente nas áreas rurais e nas regiões

¹⁰ A distinção entre regiões urbanas e rurais nem sempre é muito clara, e 7.7% das pessoas em áreas definidas como “urbanas” trabalham em atividades agrícolas, enquanto que 23% das pessoas em áreas definidas como “rurais” trabalham em atividades não agrícolas.

urbanas mais pobres, e a necessidades que os jovens que se aproximam dos 17 anos de idade sentem de começar a buscar seu próprio dinheiro.

Isto não significa que não existam situações específicas em que a contribuição financeira da criança e do adolescente para a família não seja importante, e situações de exploração abusiva de seu trabalho. Uma análise global como esta não permite examinar situações específicas onde pode estar ocorrendo sobre-exploração; mesmo assim, é possível identificar situações bastante problemáticas, como a do trabalho doméstico de meninas, ou o trabalho de crianças em atividades de lavoura extensiva. No entanto, o tempo que as crianças dedicam ao trabalho tende a ser pequeno, e não há incompatibilidade absoluta entre trabalhar e estudar, ainda que as crianças que trabalhem tendam a ter um nível de escolaridade um pouco abaixo das que não trabalham, diferença que tende a se agravar com a idade. A deficiência escolar, principalmente nas idades mais avançadas e na zona rural, parece estar muito mais associada às limitações do sistema educacional do que à necessidade de trabalhar por parte da criança ou adolescente.

Uma política eficaz de combate ao trabalho de crianças e adolescentes não pode colocar seu foco, unicamente, na repressão desta atividade, e sim em criar condições para que ela seja descontinuada. A principal destas condições é, sem dúvida, a melhoria do sistema educacional, e a criação de programas de geração de emprego e renda para as famílias. A segunda é a identificação de situações em que o trabalho de crianças e adolescentes é indispensável como meio de sustento para as famílias, e que precisam ser compensadas. Finalmente, existem situações óbvias de sobre-exploração de trabalho de crianças e adolescentes que precisam ser coibidas diretamente. Entre estas, talvez a mais significativa, e que não costuma receber maior atenção, é o trabalho doméstico feminino, uma situação de semi-servidão que precisaria de um estudo mais aprofundado e do desenvolvimento de uma política específica para sua erradicação.

Anexo 1 – O trabalho doméstico feminino infantil.

A PNAD 2002 estima a existência de 456 mil crianças e jovens do sexo feminino entre 10 e 17 anos de idade trabalhando como domésticas. A maior parte deste grupo tem entre 16 e 17 anos de idade, mas 113 mil têm entre 10 e 14 anos de idade. O trabalho doméstico de meninas ocorre sobretudo nos estados de Minas Gerais, Bahia e do Norte, e mais nas zonas urbanas do interior do que nas regiões metropolitanas ou rurais.

Quadro 21 – Crianças e adolescentes mulheres em trabalho doméstico

| Crianças e adolescentes mulheres em trabalho doméstico | | | |
|---------------------------------------------------------------|---------|---------------------------|--------|
| Rondônia | 3,425 | Área de residência | |
| Acre | 2,155 | Urbana metropolitana | 14.4% |
| Amazonas | 7,240 | urbana | 71.8% |
| Roraima | 724 | rural | 13.8% |
| Pará | 26,287 | | 100.0% |
| Amapá | 1,530 | Grande Região | |
| Tocantins | 11,364 | Norte | 11.6% |
| Maranhão | 26,433 | Nordeste | 35.4% |
| Piauí | 13,264 | Sudeste | 30.2% |
| Ceará | 25,919 | Sul | 13.1% |
| Rio Grande Norte | 8,612 | Centro Oeste | 9.7% |
| Paraíba | 7,480 | | 100.0% |
| Pernambuco | 19,312 | Cor ou raça | |
| Alagoas | 10,057 | Indígena | 0.3% |
| Sergipe | 3,766 | Branca | 37.4% |
| Bahia | 46,756 | Preta | 7.4% |
| Minas Gerais | 58,479 | Amarela | 0.4% |
| Espírito Santo | 11,061 | Parda | 54.5% |
| Rio de Janeiro | 14,868 | | 100.0% |
| São Paulo | 53,511 | | |
| Paraná | 31,938 | | |
| Santa Catarina | 11,886 | | |
| Rio Grande Sul | 15,943 | | |
| Mato grosso Sul | 11,412 | | |
| Mato Grosso | 11,079 | | |
| Goiás | 19,100 | | |
| Distrito Federal | 2,842 | | |
| Total | 456,443 | | |

As características mais gerais desta população estão dadas no Quadro 22. Em geral, a remuneração é de cerca de meio salário mínimo mensal, a escolaridade média é inferior a 6 anos, e cerca de 30% não freqüenta a escola. O número de pessoas que trabalham sem rendimento, e que são analfabetas, é reduzido, mas existem diferenças importantes em alguns estados. Assim, o analfabetismo chega a quase 10% em Alagoas, e o número de pessoas trabalhando sem rendimento é próximo de 10% no Ceará e Santa Catarina, e mais de 50% não freqüentam escolas em Rondônia, Roraima, Espírito Santo e Distrito Federal (os dados dos Estados da região Norte se

referem somente à área urbana).

Quadro 22 – Características de crianças e adolescentes mulheres em trabalho doméstico

| Características de crianças e adolescentes mulheres em trabalho doméstico | | | | | | |
|---------------------------------------------------------------------------|--------|-------------------|----------------------|----------------|----------------|--------------------------|
| | médias | | | Percentagens | | |
| Unidade da Federação | Idade | Rendimento mensal | anos de escolaridade | sem rendimento | fora da escola | não sabe ler ou escrever |
| Rondônia | 15.3 | 125.46 | 5.2 | | 56.3% | |
| Acre | 14.7 | 94.93 | 4.0 | 6.7% | 33.3% | 6.6% |
| Amazonas | 15.0 | 149.81 | 6.3 | | 4.0% | |
| Roraima | 15.8 | 192.50 | 5.8 | | 50.0% | |
| Pará | 15.4 | 87.17 | 5.5 | 4.8% | 27.5% | 3.6% |
| Amapá | 15.5 | 154.94 | 7.0 | | 37.5% | |
| Tocantins | 15.2 | 91.04 | 5.5 | 2.0% | 23.5% | 2.0% |
| Maranhão | 15.4 | 66.88 | 4.8 | 3.0% | 24.2% | |
| Piauí | 15.5 | 85.42 | 4.7 | 7.7% | 30.8% | 3.8% |
| Ceará | 15.3 | 82.37 | 5.7 | 10.7% | 18.8% | 2.4% |
| Rio Grande Norte | 15.2 | 73.17 | 5.5 | | 27.8% | |
| Paraíba | 15.7 | 88.53 | 4.8 | | 41.2% | 5.9% |
| Pernambuco | 15.0 | 75.80 | 5.3 | | 35.7% | |
| Alagoas | 15.5 | 77.94 | 4.5 | | 50.0% | 9.1% |
| Sergipe | 15.6 | 114.17 | 5.2 | | 25.0% | |
| Bahia | 15.7 | 64.21 | 5.1 | | 27.8% | 3.1% |
| Minas Gerais | 15.2 | 84.98 | 6.3 | | 25.0% | 1.6% |
| Espirito Santo | 15.8 | 96.87 | 6.3 | | 62.5% | |
| Rio de Janeiro | 15.4 | 134.99 | 5.7 | | 31.5% | |
| São Paulo | 15.6 | 114.39 | 7.0 | 3.1% | 29.7% | |
| Paraná | 15.4 | 95.66 | 6.6 | 1.9% | 28.9% | |
| Santa Catarina | 15.1 | 89.53 | 6.9 | 9.5% | 42.9% | |
| Rio Grande Sul | 15.0 | 104.19 | 6.4 | 4.9% | 23.9% | |
| Mato grosso Sul | 15.7 | 122.84 | 6.8 | | 35.1% | |
| Mato Grosso | 15.0 | 98.18 | 6.9 | 2.9% | 14.7% | |
| Goiás | 15.4 | 93.15 | 6.1 | 1.8% | 19.0% | 1.7% |
| Distrito Federal | 16.3 | 171.43 | 6.6 | | 50.0% | 7.1% |
| Área de residência | | | | | | |
| Urbana metropolitana | 15.7 | 125.90 | 6.2 | 2.3% | 37.5% | 2.1% |
| urbana | 15.3 | 88.36 | 6.0 | 2.1% | 26.8% | 1.3% |
| rural | 15.4 | 77.58 | 5.4 | 4.1% | 30.0% | 1.5% |
| Total | 15.4 | 92.32 | 5.9 | 2.4% | 28.8% | 1.5% |

O trabalho doméstico de meninas está fortemente associado com a situação de pobreza das famílias. Quase um terço, 28.2% desta população não têm pais presentes na família, e 2.9% não têm mães. Além disto, nas regiões metropolitanas, metade das mães destas crianças e adolescentes trabalham também em serviços domésticos, enquanto que os pais trabalham em atividades de baixa qualificação, como a construção civil e o comércio. Dos 51.3% das mães que trabalham como domésticas nas áreas metropolitanas, somente 16.2% têm carteira assinada. Na área rural, o trabalho agrícola informal predomina, e também na área urbana não metropolitana, ainda que em percentagem menor.

Quadro 23 – Crianças e adolescentes do sexo feminino em serviços domésticos: atividades do pai e da mãe, por área de residência

| Crianças e adolescentes do sexo feminino em serviços domésticos: atividades do pai e da mãe, por área de residência | | | | | | | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|--------|--------|--------|----------------------|--------|--------|--------|
| atividade econômica dos pais | Mãe | | | | Pai | | | |
| | Urbana metropolitana | urbana | rural | Total | Urbana metropolitana | urbana | rural | Total |
| % economicamente ativos | 74.6% | 65.3% | 74.6% | 67.9% | 88.8% | 90.2% | 96.6% | 91.1% |
| Ramos de atividade: | | | | | | | | |
| Agrícola | 4.0% | 14.2% | 62.5% | 19.9% | 1.6% | 26.6% | 71.8% | 30.8% |
| Indústria | 9.1% | 8.3% | 1.3% | 7.4% | 16.1% | 16.7% | 8.5% | 15.3% |
| Construção | 0.3% | 0.8% | 0.6% | 0.6% | 29.1% | 20.2% | 5.0% | 18.9% |
| Comércio e reparação | 10.0% | 7.2% | 4.2% | 7.2% | 20.8% | 15.0% | 7.2% | 14.5% |
| Alojamento e alimentação | 7.7% | 3.2% | 1.2% | 3.6% | 4.1% | 1.7% | | 1.7% |
| Transporte, armazenagem e comunicação | 0.3% | 0.2% | | 0.2% | 7.1% | 5.7% | | 4.9% |
| Administração pública | 1.6% | 5.3% | 1.6% | 4.2% | 4.5% | 4.8% | 1.1% | 4.1% |
| Educação, saúde e serviços sociais | 9.0% | 8.0% | 3.3% | 7.5% | 3.4% | 1.2% | | 1.3% |
| Serviços domésticos | 49.1% | 46.0% | 19.7% | 42.5% | 1.0% | 1.5% | 2.8% | 1.6% |
| Outros serviços coletivos, sociais e pessoais | 3.5% | 4.7% | 2.6% | 4.2% | 2.7% | 4.1% | 2.1% | 3.6% |
| Outras atividades | 5.3% | 2.0% | 3.7% | 2.8% | 6.7% | 2.4% | 1.7% | 3.3% |
| | 100.0% | 100.0% | 100.0% | 100.0% | 100.0% | 100.0% | 100.0% | 100.0% |

Tudo indica, assim, que o trabalho doméstico de meninas crianças e adolescentes tem duas origens distintas, ambas associadas a situações de pobreza. Por um lado, famílias da área rural mandam suas filhas para trabalhar como domésticas nas residências das cidades próximas; por outro, nas áreas metropolitanas, mulheres adultas que trabalham como domésticas transmitem a profissão para as filhas. Em ambas situações, as filhas ficam sujeitas à boa ou má vontade das famílias para as quais trabalham para ir à escola, receber uma remuneração minimamente aceitável, e não serem submetidas a condições de trabalho inadequadas.

Anexo 2 – O trabalho de crianças de 5 a 9 anos.

A PNAD pesquisa também o trabalho infantil para a população de 5 a 9 anos de idade. Em 2002, a estimativa era que haviam cerca de 266 mil crianças envolvidas em algum tipo de atividade econômica, em sua grande maioria trabalhando em atividades agrícolas como parte da unidade familiar.

Quadro 24 – Crianças de 5 a 9 anos economicamente ocupadas, por área de residência e região.

| Grande Região | Área de residência | | | Total |
|---------------|--------------------|---------------|----------------|----------------|
| | Urbana | | | |
| | metropolitana | urbana | rural | |
| Norte | 935 | 8,778 | 669 | 10,382 |
| Nordeste | 8,847 | 41,333 | 119,416 | 169,596 |
| Sudeste | 6,859 | 11,085 | 20,137 | 38,081 |
| Sul | 3,326 | 5,871 | 30,529 | 39,726 |
| Centro Oeste | 203 | 4,236 | 4,240 | 8,679 |
| Total | 20,170 | 71,303 | 174,991 | 266,464 |

Quadro 25 – Posição na ocupação de crianças de 5 a 9 anos que trabalham

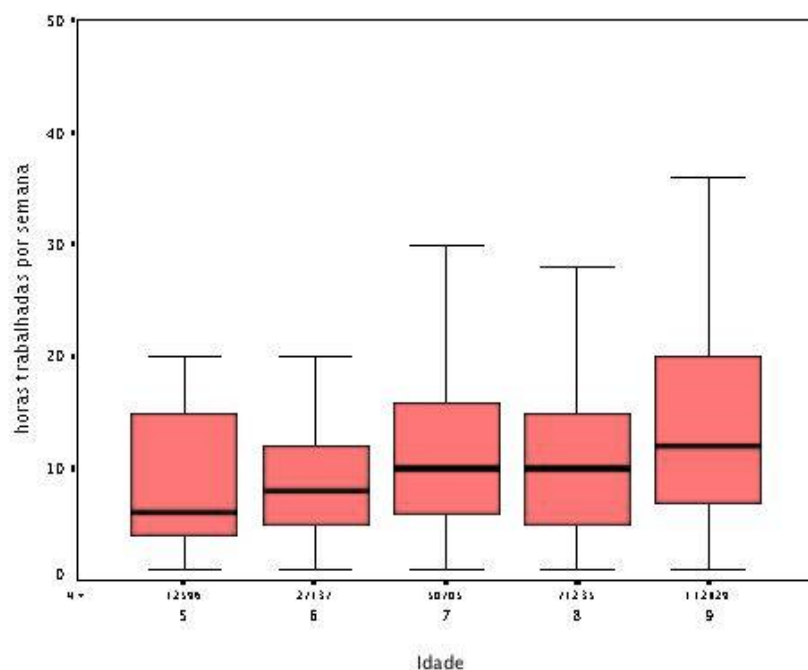
| | Área de residência | | | Total |
|--------------------------------------------|--------------------|---------------|----------------|----------------|
| | Urbana | | | |
| | metropolitana | urbana | rural | |
| Empregado | 3,438 | 6,962 | 2,383 | 12,783 |
| Trabalho doméstico | 414 | 4,936 | | 5,350 |
| Conta - própria | 2,133 | 5,982 | 2,550 | 10,665 |
| Não remunerado membro da unidade domicilia | 9,964 | 36,434 | 135,522 | 181,920 |
| Outro não remunerado | 1,038 | 658 | 2,365 | 4,061 |
| Na produção para o próprio consumo | 728 | 2,421 | 13,899 | 17,048 |
| Total | 17,715 | 57,393 | 156,719 | 231,827 |

Os dados também indicam – embora os números sejam pequenos, e a margem de erro da estimativa seja alta – a existência de cerca de 20 mil crianças trabalhando como empregados, por conta própria e no trabalho doméstico das urbanas metropolitanas e urbanas, que podem estar significando situações de exploração extrema, ou de abandono (Quadro 25). Este dado é corroborado por outro, que mostra que 90% das crianças que trabalham não recebem remuneração em dinheiro, o que é coerente com o fato de que elas trabalham como membros da unidade familiar. Dos que recebem remuneração, a grande maioria recebe meio salário mínimo ou menos.

Quadro 26 – Crianças de 5 a 9 anos que trabalham, por se freqüentam escola ou creche.

| Crianças de 5 a 9 anos que trabalham: horas semanais | | | | | | |
|------------------------------------------------------|----------------------------|----------------------------|-------|---------------|--------|--|
| Idade | % que não freqüenta escola | horas de trabalho semanais | | | total | |
| | | mediana | média | desvio padrão | | |
| 5 | 53.3 | 6 | 9.3 | 6.6 | 12596 | |
| 6 | 19.6 | 8 | 10.1 | 10.9 | 27340 | |
| 7 | 6.1 | 10 | 11.8 | 11.7 | 51180 | |
| 8 | 2.3 | 10 | 11.7 | 14.3 | 72533 | |
| 9 | 2.0 | 12 | 13.6 | 17.3 | 116579 | |
| Total | 6.7 | 10 | 12.2 | 14.9 | 280228 | |

Gráfico 9 – Distribuição das horas de trabalho infantil por idade, crianças de 5 a 9 anos



Quadro 26 mostra o acesso à escola e o tempo dedicado ao trabalho pelas crianças de 5 a 9 anos que trabalham. O impacto sobre o estudo não é muito significativo: aos 5 anos de idade, metade já está matriculada; aos 9 anos, 98%. O número de horas trabalhadas varia de 6 a 10 horas por dia em média, com uma dispersão maior para os de 9 anos de idade, conforme indicado no Gráfico 9.

Em síntese, o trabalho de crianças de 5 a 9 anos está associado, sobretudo, à atividade familiar na agricultura, e não parece se caracterizar, de uma maneira geral, por situações de extrema exploração. Os problemas de trabalho destas crianças fazem parte da situação geral de pobreza em que vivem suas famílias, sobretudo nas regiões do Nordeste. No entanto, existe uma parcela deste trabalho que, embora pequena, merece atenção e cuidado especiais, por se dar fora do ambiente familiar, sobretudo nas áreas urbanas e metropolitanas.

Anexo 3 – Análises de regressão sobre trabalho infantil e estudo.

A relação entre trabalho infantil, renda e outros possíveis condicionantes foi analisada recentemente por Bourguignon e outros através de um modelo de regressões múltiplas de tipo logit multinomial aplicado aos dados da PNAD¹¹. O objetivo foi avaliar o impacto de diferentes características da criança ou de seu domicílio na probabilidade de só trabalhar, trabalhar e estudar, ou só estudar. Os autores mostram que o salário esperado da criança caso ela trabalhe (calculado a partir de uma equação minceriana estimada separadamente) é significativo para explicar essa decisão. A partir daí, os autores concluem, através de simulações, que um programa de transferência de renda como o Bolsa Escola deve ter um impacto importante sobre a frequência escolar das crianças.

Os resultados coincidem em grande parte com os achados descritos aqui, com a vantagem que já são apresentados com todos os fatores que os autores consideraram relevantes devidamente controlados. A idade parece ser um dos fatores mais importantes da decisão de trabalhar ou estudar (ou trabalhar e estudar). Variáveis como local de residência (metropolitano, urbano ou rural), clima educacional da família (tomando como *proxy* a educação máxima dos pais), região e cor têm o efeito esperado. É interessante notar que no caso de local de residência, morar numa zona rural reduz a probabilidade de somente estudar em relação a somente trabalhar, mas aumenta a probabilidade de trabalhar e estudar em relação a somente trabalhar. Esse dado corrobora a observação de que o trabalho infantil nas zonas rurais tem menos a ver com exploração do que com tradições familiares, ou a ausência ou precariedade das escolas. Os autores não controlam por outras variáveis de contexto familiar abordadas aqui, como posição na ocupação, ramo de trabalho do pai e estrutura familiar (apesar de incluírem o tamanho da família). Há, no entanto, uma diferença básica de abordagem. No modelo analisado, quando as crianças abandonam a escola o fazem para poder ganhar mais no trabalho (os autores estimam que crianças que estudam e trabalham ganham em média 40% a menos que as que só trabalham). A situação da criança que abandona a escola e não vai trabalhar não é mencionada. Entretanto, os dados da PNAD mostram que a proporção de crianças que se declaram economicamente inativas e não frequentam escola ou creche é equivalente à das que são economicamente ativas e não frequentam escola ou creche. Dito de outra forma, aparentemente metade das crianças que abandonam a escola o fazem apesar de não estarem procurando trabalho. Além disso, há que considerar que dentre a metade

¹¹ François Bourguignon, Francisco H. G. Ferreira, and Phillippe George Leite, *Ex-ante evaluation of conditional cash transfer programs: the case of Bolsa Escola*, (Washington, DC, 2002).

economicamente ativa, uma parcela significativa está desempregada. Esse fato tampouco é levado em consideração pelo modelo.

O Quadro 27 dá os resultados de um exercício semelhante, com os resultados de duas análises de regressão, tendo como variáveis dependentes o trabalho ou não trabalho, e a frequência ou não à escola, para a população de 10 a 17 anos de idade.

Quadro 27 – Determinantes do trabalho infantil e da ausência à escola (regressão logit)

| | | trabalha | | não estuda | |
|-----------|---------------------------------------------------------|----------|-------|------------|-------|
| | | B | Sig. | B | sig. |
| M4703 | educação da mãe | -0.059 | 0.000 | -0.076 | 0.000 |
| P4703 | educação do pai | -0.028 | 0.000 | -0.064 | 0.000 |
| ZONA | Área de residência (rural) (*) | | 0.000 | | 0.000 |
| ZONA(1) | Área metropolitana | -0.843 | 0.000 | -0.44 | 0.000 |
| ZONA(2) | Área urbana | -0.624 | 0.000 | -0.272 | 0.000 |
| TIPO | Tipo de família (outros) | | 0.000 | | 0.000 |
| TIPO(1) | Família Casal | 0.097 | 0.000 | -1.543 | 0.000 |
| TIPO(2) | Só mãe | 0.048 | 0.000 | -0.452 | 0.000 |
| M0404 | Cor ou raça (pardos) | | 0.000 | | 0.000 |
| M0404(1) | indígena | 0.503 | 0.000 | 0.714 | 0.000 |
| M0404(2) | branca | -0.003 | 0.014 | -0.166 | 0.000 |
| M0404(3) | preta | -0.097 | 0.000 | 0.206 | 0.000 |
| M0404(4) | oriental | -0.250 | 0.000 | -0.757 | 0.000 |
| V8005 | idade | 0.465 | 0.000 | 0.555 | 0.000 |
| M4704(1) | atividade econômica da mãe | 0.738 | 0.000 | -0.243 | 0.000 |
| P4704(1) | atividade econômica do pai | 0.361 | 0.000 | 0.534 | 0.000 |
| REGIAO | Grande Região (Centro Oeste) | | 0.000 | | 0.000 |
| REGIAO(1) | Norte | -0.155 | 0.000 | -0.057 | 0.000 |
| REGIAO(2) | Nordeste | -0.240 | 0.000 | -0.382 | 0.000 |
| REGIAO(3) | Sudeste | -0.131 | 0.000 | -0.078 | 0.000 |
| REGIAO(4) | Sul | 0.243 | 0.000 | 0.167 | 0.000 |
| P4810 | Ocupação do pai (sem ocupação) | | 0.000 | | 0.000 |
| P4810(1) | Dirigentes em geral | -0.026 | 0.000 | -0.626 | 0.000 |
| P4810(2) | Profissionais das ciências e das artes | -0.602 | 0.000 | -0.572 | 0.000 |
| P4810(3) | Técnicos de nível médio | -0.194 | 0.000 | -0.352 | 0.000 |
| P4810(4) | Serviços administrativos | -0.394 | 0.000 | -0.265 | 0.000 |
| P4810(5) | Serviços, outros | -0.130 | 0.000 | -0.222 | 0.000 |
| P4810(6) | Vendedores e prestadores de serviço do comércio | 0.248 | 0.000 | -0.237 | 0.000 |
| P4810(7) | Ocupações Agrícolas | 0.506 | 0.000 | -0.105 | 0.000 |
| P4810(8) | Produção de bens e serviços e da reparação e manutenção | -0.053 | 0.000 | -0.122 | 0.000 |
| P4810(9) | Outros, indefinido | -0.789 | 0.000 | -1.172 | 0.000 |
| RENLOG | Renda familiar per capita (log) | -0.067 | 0.000 | -0.131 | 0.000 |
| Constant | | -7.263 | 0.000 | -7.429 | 0.000 |

(*) os termos entre parênteses se referem às categorias não incluídas nas análises, e que servem de contraste para as demais.

Os determinantes do trabalho e da ausência à escola são em geral semelhantes, mas há

algumas diferenças que podem ser observadas. Viver com os pais ajuda muito a frequência à escola, embora não afete o trabalho da mesma maneira. Pertencer ao grupo oriental aumenta muito a presença à escola, e pertencer ao grupo indígena tem o efeito oposto. De maneira geral, estes dados corroboram a idéia de que, ainda que trabalho infantil e ausência à escola sejam coisas que frequentemente ocorrem juntas, cada uma destas situações têm causas e condicionantes próprios, que precisam ser melhor entendidos.

Referências

- Bourguignon, François, Francisco H. G. Ferreira, and Phillippe George Leite. *Ex-ante evaluation of conditional cash transfer programs: the case of Bolsa Escola, ..* Washington, DC: World Bank Development Research Group Poverty Team, 2002.
- IBGE. *Trabalho infantil 2001*, 2003.
- Schwartzman, Simon. *As causas da pobreza*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- . *Trabalho infantil no Brasil*. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2001.